

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

LIANE FERREIRA MORA

**INTERNET PRESENTE, DEPENDÊNCIA EMINENTE?
UM ESTUDO COM UNIVERSITÁRIOS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Sant'Ana do Livramento
2015**

LIANE FERREIRA MORA

**INTERNET PRESENTE, DEPENDÊNCIA EMINENTE?
UM ESTUDO COM UNIVERSITÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em administração pela Universidade
Federal do Pampa - UNIPAMPA.

Orientador: Prof(a). Kathiane Benedetti Corso

Sant'Ana do Livramento

2015

LIANE FERREIRA MORA

**INTERNET PRESENTE, DEPENDÊNCIA EMINENTE?
UM ESTUDO COM UNIVERSITÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em administração pela Universidade
Federal do Pampa - UNIPAMPA.

Área de Concentração: Computação Ubíqua

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: dia, mês e ano.
Banca examinadora

Prof.^a Dra. Kathiane Benedetti Corso
Administração – UNIPAMPA

Prof.^a Dra. Carolina Freddo Fleck
Administração – UNIPAMPA

Prof.^a Msc. Laura Alves Scherer
Administração – UNIPAMPA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre colocar no meu destino pessoas maravilhosas.

A minha família e amigos, por compreender minhas ausências.

Aos colegas de turma pelas contribuições em vários momentos da pesquisa.

A minha orientadora, Kathiane Benedetti Corso, pela paciência, atenção e conhecimentos preciosos.

Aos estudantes entrevistados que participaram deste trabalho cedendo seu tempo e compartilhando suas experiências.

À todos e todas que não pude mencionar, mas que de certo modo estarão sempre presentes.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

Arthur Schopenhauer

RESUMO

O estudo focaliza a verificação dos impactos causados pelo abuso ou dependência de internet no comportamento de discentes do Campus da UNIPAMPA em Sant'Ana do Livramento/RS. A pesquisa está caracterizada como um estudo de caso, de caráter descritivo dividido em duas etapas, a primeira quantitativa que buscou identificar o perfil de comportamento dos estudantes na internet através do uso de questionário, já na segunda etapa, qualitativa foram entrevistados cinco estudantes com base em um roteiro de perguntas elaborado com a finalidade de observar as implicações do uso excessivo de internet em seu comportamento. Quanto aos resultados, o perfil dos estudantes participantes da pesquisa foi caracterizado como jovem, com idade média de 25,7 anos. Destes, 43% utilizam a combinação de smartphone e computador para acessar a internet. A presença de estudantes com grau de dependência foi confirmada pelos resultados do *Internet addiction test*, criado por Young (2011), embora a maior parte da amostra tenha sido classificada como "Normal", visto que 53% dos respondentes não foram considerados dependentes de internet. Quanto aos impactos do excessivo de internet na vida dos estudantes entrevistados foram observados distúrbios de sono, ansiedade, desgaste de relacionamentos familiares e redução do desempenho no trabalho quando ausente a internet.

Palavras-chave: Dependência de Internet, comportamento abusivo, estudantes, impactos.

ABSTRACT

The study focuses on the verification of the impacts caused by abuse or Internet addiction in students behavior Campus of UNIPAMPA in Sant'Ana do Livramento/RS. The research is characterized as a case study of descriptive divided into two stages, the quantitative first aimed at identifying the students' behavior profile on the internet through the use of a questionnaire, in the second step, qualitative were interviewed five students based questions on a script prepared for the purpose of observing the implications of excessive use of internet in their behavior. As for the results, the profile of the student participants of the research was characterized as young, with an average age of 25.7 years. Of these, 43% use a combination of smartphone and computer to access the internet. The presence of students with degree of dependency was confirmed by Internet results addiction test, created by Young (2011), although most of the sample has been classified as a "Normal", since 53% of the respondents were not considered internet dependent . As to the impact of the internet over the lives of the students interviewed were observed sleep disturbances, anxiety, wear family relationships and reduced performance at work when absent the internet.

Keywords: Internet addiction, abusive behavior, students, impacts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Comparação entre a experiência da internet fixa e móvel.....	21
Figura 2 - Versão do Questionário diagnóstico de dependência de internet.....	24
Figura 3 - Encadeamento neuropsicológico da dependência em internet	25

QUADROS

Quadro 1 - Atividades dos estudantes na internet, subdivisão por sexo	38
Quadro 2 - Perguntas do teste do IAT que obtiveram pontuação significativa frente à idade dos respondentes.....	45

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos respondentes da pesquisa pelo curso de graduação (ADM - Administração; E - Economia; GP - Gestão Pública e RI - Relações Internacionais)	36
Gráfico 2 - Distribuição da preferência do tipo de equipamento utilizado pelos respondentes para o acesso a internet.....	37
Gráfico 3 - Tecnologias de acesso a internet utilizadas pelos respondentes	37
Gráfico 4 - Ambiente preferido dos respondentes para acesso a internet Erro! Indicador não definido.	
Gráfico 5 - Número de respondentes por faixas de idade.....	39
Gráfico 6 - Horas de uso de internet pelo computador no trabalho.....	40
Gráfico 7 - Tempo diário de uso de internet.....	40
Gráfico 8 - Distribuição dos respondentes por atividade ocupacional.	41
Gráfico 9 - Distribuição dos entrevistados pela atividade remunerada mensal.....	41
Gráfico 10 - Quantidade de pessoas com a qual os respondentes residem.....	42
Gráfico 11 - Distribuição percentual de entrevistados quanto ao grau de dependência.	43
Gráfico 12 - Grau de dependência de internet distribuído por sexo.	43
Gráfico 13 - Quantidade de uso de internet entre os respondentes e grau de dependência.....	44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 PROBLEMÁTICA	13
1.2 OBJETIVOS	14
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos	14
1.3 JUSTIFICATIVA	15
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 INTERNET	18
2.1.1 Internet Móvel	20
2.1.2 Internet e o uso de dispositivos móveis	21
2.2. DEPENDÊNCIA DE INTERNET	22
2.2.1 Prevalência da dependência de internet em perfis de usuários.....	27
2.2.2 Impactos negativos: Prejuízos comuns nas relações de dependentes de internet....	28
2.2.3 Dependência de Internet existe?.....	29
2.2.4 Instrumentos de avaliação de dependência de internet	31
3 MÉTODO.....	32
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	32
3.2 MÉTODO.....	32
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	33
3.4 UNIVERSO DA PESQUISA	34
3.5 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS	35
4. RESULTADOS	36
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA OBTIDA NA APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS	36
4.1.1 Perfil dos respondentes da entrevista com questionários	42

4.2 HÁBITOS, SENTIMENTOS E PROBLEMAS CAUSADOS PELO USO EXCESSIVO DE INTERNET NA VIDA DE ESTUDANTES ENTREVISTADOS	46
4.2.1 Hábitos dos usuários.....	46
4.2.2 Sentimentos, emoções e opiniões	49
4.2.3 Problemas, vida virtual e vício.	51
4.2.4 Mudanças e transformações na vida dos usuários em função da internet	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
ANEXO A – TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DO <i>INTERNET ADDICTION TEST</i> (IAT) (CONTI ET. AL., 2012 E YOUNG, 2011).....	66
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	68
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	71

1. INTRODUÇÃO

A internet é no mundo atual, uma das tecnologias de maior relevância, Kaku (2001) aponta o fato de a maior e mais rápida geração de conhecimento científico na história da humanidade tenha acontecido a partir do surgimento da rede. Nesse mesmo sentido, Sebastião e Lampkowski (2009) ressaltam que os infindáveis encantos, como as inúmeras facilidades criadas na comunicação, troca de informações e entretenimento, podem ser observados em nossos hábitos e modo de viver.

As alterações em nossos comportamentos em função dos grandes avanços da tecnologia podem ser exemplificadas pelo surgimento da energia elétrica. De acordo com Nicolaci-da-Costa (2002c), era comum a reunião das famílias diante de um piano. Tempos depois este foi substituído pelo rádio, que acabou sucedido pela televisão, e logo, pelos computadores interligados a internet.

A velocidade com que a tecnologia evolui e sua influência é evidente. A possibilidade de encurtar as distâncias geográficas e modificar a relação do homem com o tempo são transformações características da comunicação via e-mail ou *tweet*, por exemplo (MALAFAIA, 2011). Hoje, em virtude da internet, é possível acessar qualquer informação sobre diversos temas, e obter respostas em poucos segundos (UNGERER, 2013).

Em 2002, Taurion já estimava um potencial muito maior do alcance no número de pessoas com acesso a serviços e informações pela *Web*, visto a tendência do uso de aparelhos móveis, como o aparelho celular e outros equipamentos atingirem uma gama maior de usuários do que os computadores pessoais (PCs). Esse prenúncio se evidencia no Brasil através de dados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*, o PNAD, divulgado pelo IBGE (2013) onde se estimou que, em 2013, 49,4% da população que possuía 10 anos ou mais havia utilizado a internet por meio de equipamentos definidos pelo instituto como microcomputador, telefone móvel, tablet e outros. Desse total, 45,3% acessaram a internet através de microcomputadores. No entanto, o crescimento desta forma de acesso foi observado somente até o ano de 2011 quando apresentou o percentual de 46,5%. Essa estagnação foi o indício representativo da importância de outros dispositivos para o uso da internet.

Notavelmente exaltadas as oportunidades disponíveis nos ambientes digitais proporcionados pela democratização da internet (NEJM e RIBEIRO, 2013), Sebastião e

Lampkowski (2009) alertam para um perigo não tão facilmente percebido, a dependência que a internet pode causar nas pessoas.

Quando usada corretamente a internet pode trazer alívio à ansiedade, fornecendo entretenimento e informações úteis para a solução de problemas pessoais, mas quando usada excessivamente pode comprometer a esfera social e relacional da pessoa, tornando-se presa a Internet, chegando a uma verdadeira dependência (SEBASTIÃO e LAMPKOWSKI, 2009, p.2).

A natureza da inovação da internet não é apenas tecnológica, tem alcance antropológico, afeta as experiências, alteram convicções e referências sobre a comunicação, as noções de espaço e percepção do tempo. Nunca houve uma tecnologia que nos une socialmente e ao mesmo tempo distancia, que quando bem utilizada permite o início de uma nova ordem, a da informação e da interação, que proporciona reforço e recompensas sociais ilimitadas (PERCURSO, 2009; GREENFIELD, 2011).

1.1 Problemática

O abuso, ou o comportamento compulsivo de uso de internet e tecnologias de informação e comunicação (TICs) é tema recorrente nas diversas mídias (NICOLACI-DACOSTA 2002a; 2002b), influenciadas por estudos dentro e fora do Brasil e pelas alterações comportamentais observadas num período de pouco mais de 20 anos (PONTES, 2013).

Saber como o uso intensivo de internet pode interferir na concentração, memória, relações interpessoais, os efeitos provocados pela estimulação da navegação em diferentes sites, redes sociais, entre outros aspectos, é algo que passou a interessar profissionais de diferentes áreas, entre elas educação, psicologia, marketing e administração (AZEVEDO, 2012).

Para Quan-Haase e Wellman (2002) a ascensão da internet pode afetar o que chamam de “capital social”, ou seja, seu uso estaria diretamente relacionado ao declínio do contato entre pessoas e a participação ativa e passiva, destas, em atividades sociais coletivas, dentro de suas próprias comunidades. De acordo com os autores, passamos a socializar mais com amigos e parentes geograficamente distantes, do que com vizinhos imediatos. Nicolaci-da-Costa (2002c) cita o grande poder que esse novo espaço imaginário, que compartilha uma realidade imaginária (ciberespaço), tem em cativar e prender seus usuários.

O escritor e jornalista Nicholas Carr (2011, p.163) reuniu diversos estudos e afirma

que “[...] a internet descarrega sobre nossas mentes os tipos de estímulos cognitivos (repetitivos, intensivos, interativos e aditivos) e sensoriais, além de fornecer um sistema de alta velocidade que nos oferece respostas e recompensas [...]”.

Com a maior disponibilidade de acesso e uso da internet, possibilitada pelas diversas tecnologias de mídia, é natural que se aumente o uso, devido a sua natureza prazerosa, porém os traços que separam o uso do abuso tornaram-se imprecisos (GREENFIELD, 2011).

Pereira e Piccoloto (2012) mencionam haver certo consenso entre vários autores quanto à predisposição de estudantes ao uso excessivo de internet em função do uso obrigatório da internet para fins acadêmicos, afinal uma das vantagens da rede é a troca de conhecimento que faz com que estes estudantes passem muitas horas navegando, em vários momentos de maneira dispersa.

Frente ao exposto, e em consideração à relevância do tema de abuso de internet, o presente estudo apresenta o seguinte problema de pesquisa: **Quais os impactos causados pelo abuso ou dependência de internet na vida acadêmica e pessoal de discentes do Campus da UNIPAMPA em Sant’Ana do Livramento/RS?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Verificar os impactos causados pelo abuso ou dependência de internet no comportamento de discentes do Campus da UNIPAMPA em Sant’Ana do Livramento/RS.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar o perfil dos acadêmicos do Campus UNIPAMPA em Sant’Ana do Livramento quanto aos hábitos e uso da internet;
- Identificar a existência de acadêmicos dependentes de internet no Campus UNIPAMPA de Sant’Ana do Livramento;
- Analisar o impacto da internet na vida acadêmica e pessoal dos usuários do Campus UNIPAMPA Sant’Ana do Livramento.

1.3 Justificativa

Muitas das transformações sociais e culturais da atualidade são em grande parte reflexo do surgimento da Internet. A rede, que interliga milhares de usuários mundo a fora, tornou-se fundamental no desenvolvimento das relações interpessoais, culturais e mesmo profissionais.

Temas como dependência virtual e de jogos na internet continuam sendo largamente explorados e discutidos (ABREU et al. 2008; LEMOS e SANTANA, 2012). Atualmente, o principal foco das discussões está no uso dos diferentes aparelhos tecnológicos que suprem nossas necessidades de acesso a conteúdos diversos, a qualquer hora e em qualquer lugar, através da internet. Diversas pesquisas são divulgadas quase que diariamente sobre os prejuízos e as alterações comportamentais causadas pelo excesso de informação e ao fato de que, as pessoas de modo geral, tendem a se manter cada vez mais conectadas à internet (NICOLACI-DA-COSTA, 2002b, 2003).

Informações do *Target Group Index*, analisadas pelo IBOPE Media (2014) comparam os anos de 2003 e 2013, e mostram um crescimento de 50% no consumo de internet por parte dos jovens. A busca pela informação e o entretenimento estavam entre as principais razões do acesso, superando a televisão como veículo de comunicação.

O uso frequente de internet, mídias e redes sociais também é alvo de estudos que apresentam alterações no funcionamento do cérebro dos usuários, especialmente na redução da capacidade de compreender e reter informações mais densas. De acordo com o jornalista e escritor americano Nicholas Carr (2011), autor de “*A geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros*”, nossos pensamentos estão ficando mais superficiais, num estado permanente de distração.

Pesquisa recente realizada e publicada pelo *Google Think Insights* afirma que o consumidor brasileiro é *Hiper* (hiperinformado, hiperconectado, hipermóvel e hiperentretido), já que de acordo com a mesma, apresentada em setembro de 2014, somos o povo que permanece on-line por maior tempo, cada vez mais através de dispositivos móveis (GOOGLE, 2014).

Outra pesquisa realizada no Brasil e divulgada pelo IBOPE Media (2013), baseada no estudo do *Mobile Report* revela um cenário de crescimento do número de pessoas, com 10

anos ou mais, que possuem *smartphones* (celular inteligente) com acesso à internet, 25,2 milhões de usuários, ou 15% da população.

No mercado de trabalho, a informação e o conhecimento são recursos econômicos importantes para a competitividade das empresas, porém, a sobrecarga de informações trazidas pelo grande fluxo de comunicações, pode levar ao estresse e perda de eficiência no trabalho, tendo em vista que o potencial de captação do homem, do ponto de vista físico, mental e psicológico, continua restrito (LIRA et. al, 2008).

Notável a democratização da informação e a amplitude da acessibilidade tecnológica que se vivencia, torna-se pertinente a inquirição sobre o comportamento e mudanças nos hábitos das pessoas em função da presença e uso da internet. Essa interação entre indivíduo e computador vem sendo motivo de estudos que apresentam uma internet capaz de causar nos indivíduos uma dependência comportamental, também chamada dependência de internet. Deste modo, o presente trabalho, objetiva dar visibilidade a presença, ou não, desta patologia dentre o corpo discente da UNIPAMPA de Sant'Ana do Livramento, motivado pela percepção da pesquisadora quanto ao uso de equipamentos tecnológicos pelos universitários, frequentemente conectados a rede .

1.4 Estrutura do trabalho

O presente trabalho está dividido seis capítulos. O primeiro capítulo é composto pela introdução, onde é apresentado o tema; a problemática, os objetivos gerais e específicos e a justificativa do trabalho.

O segundo capítulo abrange o referencial teórico do projeto de pesquisa que está assim estruturado: Itens 2.1 Internet com subitens 2.1.1 Internet Móvel 2.1.2 Internet e o uso de dispositivos móveis; E o item 2.2 Dependência de internet 2.2.1 Prevalência da dependência de internet em perfis de usuários 2.2.2 Impactos negativos: Prejuízos comuns nas relações de dependentes 2.2.3 Instrumentos de avaliação de dependência de internet 2.2.4 Dependência de Internet existe?

O terceiro capítulo é referente ao método que será utilizado para a obtenção dos objetivos propostos. O capítulo é formado pelos itens 3.1 Tipo de pesquisa; 3.2 Método de estudo; 3.3 Técnica de coleta de dados com subitem 3.3.1 Universo da pesquisa e 3.4 Técnica de análise de dados.

No quarto capítulo são apresentados os resultados onde são apresentados 4.1 Características da amostra obtida na aplicação dos questionários 4.1.1 Resultados de dependência obtidos na amostra questionários 4.2 Hábitos, sentimentos e problemas causados pelo uso excessivo de internet na vida de estudantes entrevistados 4.2.1 Hábitos dos usuários 4.2.2 Sentimentos, emoções e opiniões 4.2.3 Problemas, vida virtual e vício 4.2.4 Mudanças e transformações na vida dos usuários em função da internet.

O quinto compreende as Considerações Finais, e finalmente o sexto e último capítulo com as Referências bibliográficas utilizadas na realização da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta o referencial teórico deste projeto de pesquisa cujo tema, dependência de internet será abordado conforme a ordenação dos seguintes assuntos: Internet, Internet Móvel e Internet e o uso de dispositivos móveis; Dependência de internet, Prevalência da dependência de internet em perfis de usuários, Impactos negativos: Prejuízos comuns nas relações de dependentes de internet, Instrumentos de avaliação de dependência de internet e Dependência de Internet existe?

2.1 INTERNET

A criação e desenvolvimento da internet ocorreram entre as décadas de 50 e 60, pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), com finalidade militar, onde o objetivo era a criação de uma rede de comunicação invulnerável a ataques nucleares. Posteriormente, com o nome de ARPANET, a rede passou a interligar centros universitários norte americanos. Na década de 80, corporações utilizavam redes semelhantes (CASTELLS, 2005). Porém, internacionalmente, a internet transformou-se em meio de comunicação passível de acesso somente na década de 90 (COLE, 2005), após o desenvolvimento da estrutura World Wide Web (WWW), que remodelou os padrões mais antigos, fornecendo acesso às informações em tempo real, independente de distâncias físicas (LEMOS, ABREU e SOUGEY, 2014).

Desde então a internet vem evoluindo, da transmissão dial-up (linha discada) pouco abrangente devido a limitações técnicas e custo elevado, à popularização dos computadores, amplo acesso a conexão banda larga e desenvolvimento de ferramentas mais intuitivas. O número de usuários aumentou exponencialmente (FORTIM, 2013). A inclusão digital expandiu fronteiras, o universo *online* é vivenciado por pessoas de todas as idades e todos os estratos sócio-econômicos no mundo todo (ABREU, C. N. et. al., 2008).

No Brasil situação descrita é realidade como mostram os dados do segundo semestre de 2014 divulgados pela Nielsen IBOPE (2014), que estimam a existência 120,3 milhões de pessoas com acesso à internet em todo o território nacional, 14% a mais do que os dados apresentado no ano de 2013, relativos ao mesmo período.

Como tecnologia social, a internet proporciona incontáveis vantagens à educação, muito em função de seu progresso, refletindo em melhorias e facilidades na comunicação entre pessoas (SEBASTIÃO e LAMPKOWSKI, 2009).

Em outro tempo, a televisão foi responsável por alterações no comportamento de seus telespectadores, sua amplitude, no entanto estava restrita aos momentos de lazer. Já a internet, ao contrário, tem alcance mundial com imenso potencial de transformar a aprendizagem, o lazer, e as experiências profissionais (COLE, 2005).

A internet é a materialização de um novo cenário que combina as capacidades tecnológicas do som, televisão, telecomunicações e computador, capaz de proporcionar uma comunicação entre milhares de pessoas simultaneamente (BRANCO, 2005). Seu dinamismo é um conjunto de novas mudanças que imediatamente criam possibilidades e reconhecimento social, forma através da qual pode influenciar a vida cotidiana. (HAMPTON e WELLMAN, 2003).

Para Lévy (1999 apud FORTIM, 2013) a internet proporcionou modificações fundamentais a nossa cultura. Da ausência de um território físico são quebradas as barreiras de espaço e das noções de tempo, emerge então uma nova cultura global que possui acesso irrestrito à informação. Entretanto, Turkle (1997 apud DA SILVA, 1999) relaciona que as possibilidades proporcionadas pelo anonimato usual da rede e a adoção de pseudônimos permitem aos usuários adotar diversas personalidades que, talvez antes não fossem possíveis. Esse cenário altera de certa forma, as noções de intimidade, privacidade, confiança, sexualidade e etc., afetando principalmente aos mais jovens e pessoas com tendências a perturbação da personalidade.

Greenfield (2011, p. 170), enuncia: “[...] a internet não é a primeira atividade facilmente acessível, barata, capaz de distorcer o tempo, interativa, anônima e prazerosa à qual fomos expostos [...]”. Para o autor sua distinção está na intensidade, acessibilidade e disponibilidade possibilitadas. A perspectiva de vivenciar duas vidas – uma *online*, outra *offline* - traz um novo dilema a existência humana, a separação entre o que é mundo real e o que é a “realidade” do virtual (VIDAL, 2014).

2.1.1 Internet Móvel

A internet móvel possui aspectos diferentes quando comparada a internet tradicional cuja conexão é realizada principalmente através de microcomputadores fixos, enquanto que, a móvel leva a novos limites as características da modernidade.

Taurion (2002, p. 2) define internet móvel como “[...] uso de tecnologias de comunicação sem fio (wireless) para acesso a informações e aplicações WEB a partir de dispositivos móveis como celulares ou handhels [...]”. A conectividade sem fio traz uma série de efeitos espaciais, tornando inadequado incumbir a um espaço uma denominação fixa, de especialização a determinada atividade ou finalidade (MITCHELL, 2005). Para Taurion (2002) a principal característica da tecnologia wireless está no acesso à internet a partir de locais indeterminados em qualquer momento, mesmo quando se está em movimento, o que segundo o autor nos permite explorar tempos que antes eram considerados desperdiçados, ou ociosos.

Santaella (2007) cita a perspectiva do físico americano Michio Kaku, no livro “*Visões do Futuro*”, vislumbrando as transformações ao nosso redor, da criação de ambientes inteligentes a mudanças na forma como nos divertimos. De maneira natural os computadores ficariam cada vez menores, onipresentes, imperceptíveis e interligados pela internet. A este fenômeno é referenciado nos estudos de Saccol e Reinhard (2007) o termo de Tecnologia de Informação Ubíqua*.

Para Cavallini, Xavier e Sochaczewski (2013), o acesso móvel no Brasil tornou-se a segunda forma mais popular de conexão à internet. Com o orçamento residencial limitado, os celulares tornaram-se o que representaram outrora as *lan houses*, de acordo com os autores. A possibilidade do celular se transformar na primeira e principal fonte de acesso à internet é quase uma certeza, de acordo com os autores.

O potencial da internet móvel é claramente facilitar o acesso aos recursos disponíveis na internet. Outra característica importante a ressaltar é a capacidade de personalização (TAURION, 2002), ou seja, durante este tipo de navegação, o usuário busca objetividade, simplicidade e rapidez na obtenção da informação, haja em vista a necessidade mais imediata de respostas, de melhor aproveitamento de tempo (TELECO, 2015). O exemplo da experiência vivenciada por usuários de internet fixa e móvel pode ser observado na figura 1.

* Weiser, M. (1991). The computer for the 21st Century.

Figura 1 - Comparação entre a experiência da internet fixa e móvel

Situação	Modo Fixo	Modo Móvel
Estilo de busca das informações	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Surfar ▪ Abrangente 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Questionar
Duração das Sessões	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Longa 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Curta ▪ Muito Curta
Terminal	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Grande ▪ Pesado ▪ Caro 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pequeno ▪ Leve ▪ Barato
Informação introduzida	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Troca de dados ▪ Registro de informações 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Confirmações ▪ Seleções em menus
Serviços	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sofisticados 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Atualizações ▪ Leituras imediatas ▪ Notícias emergenciais
Psicologia da satisfação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Riqueza da experiência 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Satisfação imediata
Comércio eletrônico	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compras complexas 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compras simples ▪ Compra por impulso ▪ Compras de última hora

Fonte: Elaborado pela autora adaptado de TELECO (2015).

McLuhan (1974) já naquela época, dizia o efeito psicológico mais evidente de uma nova tecnologia pode estar em sua demanda. A tecnologia tem o poder de criar seu próprio mercado. Ninguém quer um carro até que haja carros, e ninguém está interessado em televisores até que existam programas de televisão.

2.1.2 Internet e o uso de dispositivos móveis

Em levantamento realizado, Saccol e Reinhard (2007, grifo do autor) apresentam ao termo “comunicação sem fio” a definição de “Tecnologias de Informação Sem Fio”, citando como exemplo as redes de telefonia celular, *Bluetooth* e *Wireless LAN*. Já os “dispositivos de informação portáteis” (*laptop*, PDA, tablet e telefones inteligentes), foram determinados “Tecnologia de Informação Móvel - TIM”.

A evolução das TICs e das telecomunicações democratizaram o uso das TIMs dentro ou fora das organizações. Aplicações, serviços e dispositivos integrados em rede estão

disponíveis ao usuário independente de sua localização ou status de movimento (SANTOS, 2011).

A transformação do telefone celular em um objeto social, dominante e pessoal leva Carbonell et. al. (2008) a pensar a tecnologia móvel e a internet como elementos chave de uma autêntica revolução social.

A presença contínua do celular, e principalmente dos smartphones, junto ao usuário é extremamente representativa do nosso cotidiano, mais até do que outros dispositivos digitais. O uso destes portáteis nos permite vivenciar as relações online de forma extremamente realista e satisfatória, a ponto de se perder a noção do que é virtual e realidade material (FORTIM, 2013). No entanto, a ubiquidade da rede traz consigo uma reflexão: permanecemos em estado constante de ansiedade (BROLLO, 2008), a espera da informação que agora chega a nosso alcance mais rápido do que quando enviada a um computador (TAURION, 2002).

Outrora, em reflexão dizia McLuhan, em 1964:

O telefone é um “entrão” irresistível em qualquer tempo e lugar; os diretores executivos só conseguem imunidade em relação a ele quando estão jantando à cabeça da mesa. Por sua natureza, o telefone é uma forma intensamente pessoal que ignora todos os reclamos da intimidade visual tão prezada pelo homem letrado (MCLUHAN, 1974, p. 305).

As constantes inovações e mudanças tecnológicas se por um lado, trazem benefícios sensoriais aos usuários e econômicos para as organizações, por outro, podem produzir problemas humanos e sociais que têm sido objeto de profundo debate devido às conseqüências à saúde mental dos indivíduos (CARLOTTO e CÂMARA, 2010).

2.2. DEPENDÊNCIA DE INTERNET

“Uma extensão tecnológica de nossos corpos, projetada para aliviar o stress físico, pode produzir um stress psíquico muito mais grave” (MCLUHAN, 1974, p. 85).

O prenúncio de McLuhan (1974) parece corroborar com cenas comuns em nosso cotidiano, a de pessoas se relacionando através de equipamentos eletrônicos. A naturalidade com a qual estas ações ocorrem, dá aos usuários a impressão de ganho em agilidade, o que na maioria das vezes anula a percepção do quão dependente dessas ferramentas facilitadoras são, e o quanto seus cérebros trabalham a mais para processar o aumento significativos de

informação a que podem agora ser submetidos graças a eficiência tecnológica. O psicólogo, norte americano, David Greenfield (2011) descreve a existência de dois tipos de problemas causados pela internet. No primeiro, a rede é a propulsora do padrão compulsivo apresentado pelo usuário, no segundo, um problema de saúde pré-existente se associa ao uso de internet agravando o caso, e dando início a uma nova patologia. Para o autor, os diferentes modelos de comunicação resultam da tentativa de se fazer uma conexão entre seres humanos, entretanto, a ausência de uma interatividade humana corporal parece aumentar a probabilidade do comportamento abusivo ou compulsivo.

Em 1999, Greenfield (2011), publicou na 1ª edição do livro de sua autoria, “*Virtual addiction: Help for Netheads, cyberfreaks, and those who love them*”, a complexidade enfrentada quanto a determinação terminológica ideal a ser aplicada ao fenômeno de alteração de comportamento em resultado do uso excessivo de internet, ele cita alguns: “[...] transtorno de dependência de internet, uso patológico de internet, abuso de internet, comportamento possibilitado pela internet, uso compulsivo de internet, comportamento possibilitado pela internet, compulsão de mídia digital e dependência virtual [...] (GREENFIELD, 2011, p.169)”, sendo a mais popular denominação “dependência de internet”.

Pontes (2013) ressalta que as inspirações e influências das investigações tem início nos estudos de dependência relacionada ao uso do computador, no final da década de 80. Já, a proposição do termo inicial para a identificação de pessoas que apresentavam problemas relacionados ao uso excessivo da internet, *Internet addiction disorder* (IAD), foi realizada pela primeira vez em 1995, pelo psiquiatra nova-iorquino Ivan Goldberg, que sugeriu na tentativa de chamar a atenção, o uso dos critérios diagnósticos do DSM-IV para “dependência de substâncias” como método para o reconhecimento da dependência da internet (ABREU et al., 2008; MARCUS, 2011; PONTES, 2013).

O *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), é o manual, ou sistema de classificação de diagnósticos desenvolvido pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) destinado ao uso de profissionais da saúde como guia de diretrizes para diagnósticos, tratamentos e decisões de manejo. É importante salientar que a IAD, não consta no DSM-V apesar dos diversos estudos realizados (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

Independente ao exposto, o conceito de dependência de internet é aceito como um transtorno clínico legítimo, tratado por hospitais e clínicas em diversos países da Europa,

Ásia, Austrália, Estados Unidos, Canadá, México e América Latina, incluindo o Brasil, onde diferentes entidades como o Instituto Deleite e o Hospital das Clínicas de São Paulo oferecem assistência aos dependentes (ABREU et al., 2008; YOUNG e ABREU, 2011; LEMOS e SANTANA, 2012).

Em 1996, a psicóloga americana Kimberly Young, adaptou, como parâmetros a avaliação do nível de dependência de internet, um conjunto de critérios derivados do DSM relacionados ao jogo patológico, em virtude de características assemelhadas, como a desordem do controle de impulsos. Young então desenvolveu um questionário diagnóstico, o *Internet Addiction Diagnostic Questionnaire* (IADQ) que foi a primeira medida de avaliação desenvolvida, contendo 8 critérios sobre o uso de internet, conforme a figura 2, onde a afirmação em pelo menos 5 dos critérios propostos classificava o usuário como dependente de internet, e os demais como não dependentes.

Figura 2- Versão do Questionário diagnóstico de dependência de internet

- 1) Você se preocupa com a internet (pensa sobre atividades virtuais anteriores ou fica antecipando quando ocorrerá a próxima conexão)?
- 2) Você sente necessidade de usar a internet por períodos de tempo cada vez maiores para se sentir satisfeito?
- 3) Você já se esforçou repetidas vezes para controlar, diminuir ou parar de usar a internet, mas fracassou?
- 4) Você fica quieto, mal-humorado, deprimido ou irritável quando tenta diminuir ou parar de usar a internet?
- 5) Você fica online mais tempo do que pretendia originalmente?
- 6) Você já prejudicou ou correu risco de perder um relacionamento significativo, emprego ou oportunidade educacional ou profissional por causa de internet?
- 7) Você já mentiu para familiares, terapeutas ou outras pessoas para esconder a extensão do seu envolvimento com a internet?
- 8) Você usa a internet como uma maneira de fugir de problemas ou de aliviar um humor disfórico (por exemplo, sentimentos de impotência, culpa, ansiedade, depressão)?

Fonte: Elaborado pela autora com base em YOUNG (2011).

Os voluntários definidos como dependentes de internet pela pesquisa de Young (1996), relataram prejuízos de ordem pessoal, semelhantes aos de dependentes químicos,

jogadores patológicos e pacientes com distúrbios alimentares (YOUNG, 1996; ABREU, et al., 2008; PONTES, 2013).

Para considerar um indivíduo dependente de tecnologia, em seus trabalhos iniciais, Griffiths (1995), utilizou postulados descritos por Brown em “*Arousal during play in normal machine gambler*”, de 1986, já que, de acordo como autor, não havia sinais ou sintomas observáveis como em outros vícios, exceto, pelas características comuns às dependências como a saliência (importância dada ao uso), alterações de humor, tolerância (necessidade de aumento do tempo de uso), sintomas de abstinência, conflitos inter, ou intrapessoais e recaídas. As mesmas considerações são aplicadas a dependência de internet (PONTES, 2013). No ano de 2007, o psicólogo Ying propôs um modelo neuropsicológico de encadeamento, conforme a figura 3, para explicar o comportamento virtual dependente (YOUNG, YUE e YING, 2011).

Figura 3 - Encadeamento neuropsicológico da dependência em internet



Fonte: YOUNG, YUE e YING, 2011, p.24

Davis (2001 apud YOUNG, YUE e YING, 2011), em seu modelo cognitivo-comportamental do uso patológico de internet, UPI, conceitua o fenômeno, como um padrão

de cognições e comportamento que resultam em consequências negativas para o indivíduo. Para o autor há duas formas de uso patológico, a específica, que envolve uso abusivo de funções de conteúdo específicos da internet (jogos, pornografia, etc.), dentro desse contexto a tendência ao desenvolvimento de um comportamento compulsivo se manifestaria na vida do indivíduo de qualquer maneira, como no uso de entorpecentes, jogos de azar, entre outros. Já o uso patológico generalizado, ocorre quando a pessoa passa por problemas devido ao contexto exclusivo de comunicação virtual, demonstrando preferência por este tipo de comunicação, que lhe proporciona a sensação de segurança e conforto em detrimento aos relacionamentos corporais.

De acordo Young, Yue e Ying (2011, p.22) as dependências são “[...] a compulsão habitual a realizar certas atividades ou utilizar alguma substância, apesar das consequências devastadoras sobre o bem-estar físico, social, espiritual, mental e financeiro do indivíduo [...]”.

Greenfield (2011) cita a natureza prazerosa da internet, que incita a repetição da ação, e proporciona satisfação aos sentidos, daí a naturalidade do aumento no uso da internet que encobre e dificulta a percepção de abuso. De acordo com o autor a dopamina é o neurotransmissor que parece estar mais associado a essa experiência de prazer. A prática de atividades físicas, o uso de drogas, dos jogos, entre outros, causam alterações a esses neurotransmissores, tornando o sujeito dependente do fluxo imprevisível de dopamina associado à substância ou comportamento utilizado.

Segundo Greenfield (1999), em muitos casos o comportamento compulsivo surge como uma fuga psicológica aos problemas da rotina, daí as maiores probabilidades de indivíduos insatisfeitos ou estressados, por exemplo, desenvolverem a dependência de internet, o que não significa que todo o usuário que usa a internet como fuga momentânea se torne dependente (YOUNG, YUE e YING, 2011).

Já os usuários acometidos por outras dependências são mais propensos a dependência de internet, já que o histórico de dificuldade em não saber lidar com os problemas situacionais instigam a necessidade de eliminar a ansiedade provocada, o que dá a esses indivíduos um comportamento de proteção aos sentimentos aflitivos (YOUNG, YUE e YING, 2011).

Para Greenfield (1999) o dependente responde de forma desadaptativa as pressões psíquicas. Porém, se não há influencia em nenhuma área importante da vida, não se trata de uma dependência.

Em revisão a estudos, Razzouk (1998) e Young (2011) destacam que o uso excessivo de internet, por si só, também não caracteriza a dependência de internet, embora estudos iniciais revelem que as pessoas classificadas como usuários dependentes geralmente permaneciam online de forma excessiva, por até 80 horas por semana (YOUNG, 2011). As autoras ressaltam ser mais importante o impacto do uso abusivo de internet na vida do indivíduo.

Os primeiros estudos para definição da dependência de internet examinavam somente padrões de comportamento, a fim de diferenciar o uso compulsivo, do uso normal de internet. Atualmente, além dessa perspectiva, são investigadas também as causas associadas ao transtorno (YOUNG, YUE e YING, 2011).

2.2.1 Prevalência da dependência de internet em perfis de usuários

Embora não se descarte, e sejam observados comportamentos de dependência de internet em pessoas de diferentes idades e segmentos da sociedade, a verificação do comportamento excessivo de internet em grande parte dos estudos referenciados é aplicada a adolescentes ou universitários. Esta prevalência talvez esteja relacionada à forma como estes usuários se relacionam com a internet, ferramenta de grande importância ao aprimoramento intelectual e de experimentações fundamentais no desenvolvimento da identidade pessoal e social (PALFREY e GASSER, 2011).

Revisando a literatura de estudos feitos com estudantes universitários, Young, Yue e Ying (2011), constataram predominância da dependência de internet neste grupo com índices levemente mais elevados quando comparados ao panorama geral de usuários. Neste caso, os autores do estudo sugeriram que, a disponibilidade de acesso a rede, aliada ao estímulo presente no cotidiano deste grupo, como a distância das famílias e a experimentação da liberdade, fosse o fator propulsor. Diferente da visão de Abreu et. al. (2008), que tendo em vista a invasão progressiva da tecnologia em nossa rotina, considera que o contato com o computador deixa de ser um fato ocasional.

Para Young (2011), o uso legitimado do computador, a fins de estudo ou trabalho é o que dificulta a detecção do diagnóstico, atentando-se ao fato de a naturalização de uso, frequentemente mascarar o comportamento dependente. Na realidade corporativa, a mesma, cita estudos que apontam para uma situação um pouco complexa, o uso abusivo de internet

por parte dos funcionários durante o período de trabalho. O impacto direto dessa relação, trabalhador x abuso de internet, é a redução da produtividade do empregado e de faturamento para organização. Nisso, Young (2011) chama a atenção para outra situação, as empresas dependem dos sistemas de informação gerencial para dar agilidade a seus negócios. Para a autora, o uso abusivo no mercado de trabalho e potencial de dependência dos funcionários tem caráter de epidemia, vista a realidade norte americana onde uma empresa que demitiu seu funcionário por desvio de comportamento no trabalho foi processada por este, já que a empresa teria fornecido o que o ex-funcionário chamou de “droga digital”.

Levantamento realizado por Carbonell et al.(2012) na Espanha, mostra que maior a incidência de dependência de internet está relacionada a indivíduos do sexo masculino, estes permaneciam por muito mais tempo conectados a internet “navegando” ou em jogos virtuais. Em uma das pesquisas, os homens com comportamento excessivo revelaram preferência em acessar a internet pelo período noturno. Já as mulheres, utilizavam a internet na maior parte do tempo a fim de expressar e comunicar suas emoções. Porém, quando se tratava de acesso a internet móvel o número de mulheres que apresentavam comportamento abusivo era maior que o dos homens. DeAngeles (2000) cita as pesquisas de Alvin Cooper em “*Sexual Addiction and compulsion: The Journal of Treatment*”, que procurou identificar as tendências do comportamento masculino e feminino na internet do ano 2000. Os resultados desse estudo mostravam a propensão das mulheres em manter relações de interação como o flerte e o sexo virtual durante as sessões nas salas de bate-papo, ao passo que, os homens eram atraídos pelos estímulos visuais e experiências sexuais, fazendo uso frequente de sites de pornografia. Segundo De Angeles (2000), os dados apresentados na pesquisa de Cooper demonstravam que o comportamento apresentado em ambos os gêneros era favorecido pela disponibilidade, acessibilidade e anonimato, comuns da internet. Para Young (2011), as mulheres podem ser tão dependentes quanto os homens, e o contrário. Ambos apenas utilizam a rede de maneira diferente, o que se confirma nas pesquisas mencionadas.

2.2.2 Impactos negativos: Prejuízos comuns nas relações de dependentes de internet

O uso excessivo de internet traz consequências ao cotidiano do usuário dependente. Os efeitos são relacionados por diversos autores (CLAY, 2000; MORAHAN-MARTINS, 2000; YOUNG, YUE e YING, 2011; CARBONELL et al., 2012; PONTES, 2013), como a

depressão, ansiedade, isolamento, disfunção social, insônia, problemas acadêmicos, disfunção sexual, baixa auto-estima e pensamentos negativos constantes.

Para Carbonell et al. (2012) existe uma correlação entre o uso excessivo de internet e problemas psicológicos. Os sujeitos normalmente apresentam uma menor capacidade nas habilidades em manter relações sociais, ou seja, possuem uma disfunção social que leva ao afastamento do convívio em família, problemas conjugais e redução do grupo de amigos, o que tende a levar o indivíduo ao isolamento. Nesse sentido alguns estudos tratam a solidão como um subproduto do abuso de internet, visto que grande parte dos dependentes passam a investir mais tempo na construção de relacionamentos online, do que na vida real (CLAY, 2000). Para Young, Yue e Ying (2011) a principal razão pela escolha na construção dos relacionamentos virtuais se deve ao anonimato do usuário nas redes, onde a presença de outros e a intimidade podem ser controladas, o que proporciona maior segurança ao usuário com conseqüente redução dos níveis de ansiedade (CLAY, 2000; CARBONELL et al, 2012).

Conforme Carbonell et al. (2012) o desenvolvimento de pensamentos negativos também é maior em casos de usuários patológicos de internet, o que de acordo com as pesquisas de Young, Yue e Ying (2011) contribui para o comportamento compulsivo. Morahan-Martins (2000) e Pontes (2013) mencionam essa compulsividade como responsável por prejuízos de ordem financeira, já que são grandes as probabilidades de indivíduos desajustados apresentarem compulsão por compras ou sexo como forma de aliviar o mal estar emocional. Relatos de depressão também são comuns, Young, Yue e Ying (2011) verificaram que pesquisas apontam para a correlação entre dependência e depressão, embora não se possa afirmar que a depressão seja a causa da dependência ou o contrário. Pontes (2013) relata ainda a ocorrência de transtornos de ordem fisiológica como aparecimento de tendinites, alterações na visão e alimentação, bem como distúrbios do sono e falta de percepção real do tempo de uso.

2.2.3 Dependência de Internet existe?

Em 2000, passados os períodos de intensas descobertas e discussões sobre a dependência de internet, DeAngelis (2000) e outros autores passaram a questionar a escassez e superficialidade de alguns estudos sobre dependência de internet. A maior das discussões se dava quanto à adequação do tema “vício” para referenciar o uso excessivo de internet, em

virtude da caracterização do comportamento estar baseada na palavra dos usuários, e da ausência de características e sintomas associados à dependência química. Neste caso, Abreu et al., (2008) aponta que a divergência de terminologias se deve as diferentes áreas de atuação dos pesquisadores que buscam compreender o fenômeno através de variados aspectos, o que deixa claro a falta de critérios e definições operacionais. Essa última ausência também chama a atenção de Nicolaci-da-Costa (2002b) que questiona a falta de clareza sobre, por exemplo, como se classifica um “usuário pesado”.

Para Clay (2000), a falta de uma seleção aleatória deixa dúvidas, pois normalmente as pesquisas são realizadas com populações restritas que tendem a certo comportamento, o que limita afirmações abrangentes, como o da existência de um transtorno global. A autora observa ainda que a problematização da correlação entre o desenvolvimento de relacionamentos virtuais e o aumento do isolamento não é completamente verdadeira, pois de acordo com estudos, na maioria dos casos os amigos virtuais são trazidos a convivência física, porque a construção dessas amizades tem como base valores e interesses semelhantes, por tanto tendem a se tornar reais e duradouras.

Em suas reflexões, a pesquisadora brasileira Nicolaci-da-Costa (2002b, p.28) demonstra a contrariedade quanto ao que chamou de “endemonização da internet” praticada pela mídia, através da divulgação de “[...] informações fragmentadas, alarmistas e contraditórias [...]”, tratando o dependente, por vezes, como um ser alienado. Durante pesquisa aplicada a 20 sujeitos selecionados através de indicações, Nicolaci-da-Costa (2002b), observou que os entrevistados mantinham o hábito de conversar *online* principalmente com amigos da vida real e em alguns casos, os respondentes relataram ter feito uso excessivo de internet no período de descoberta, quando ainda eram usuários novos na rede. Esse uso demasiado, entretanto, foi normalizado com o tempo.

A pesquisadora ressaltou também a percepção dos entrevistados sobre o tema de dependência de internet, onde a maioria respondeu ter conhecimento das consequências do uso abusivo. A partir destas afirmações, Nicolaci-da-Costa (2002b) notou por parte dos entrevistados, certa avaliação de hábitos e a existência de conflito, entre, o prazer de estar conectado a internet e uma auto-análise, onde consideravam como período improdutivo a maior parte do tempo em que estavam ligados a internet. Motivado por esses dilemas, evidências e contradições, o tema de uso excessivo de internet, independente da nomenclatura de definição, continua atraindo olhares e levantando grandes discussões.

2.2.4 Instrumentos de avaliação de dependência de internet

Com o passar dos anos o método adaptado por Young citado anteriormente no tópico 2.2 foi alterado, contendo agora 20 itens de autopreenchimento baseados em uma escala Likert de frequência contendo cinco pontos (Anexo A), o Internet Addiction Test (IAT), que é o primeiro instrumento validado para a avaliação da dependência de internet, com versão para diversos idiomas, tornou-se a primeira medida psicométrica global que mede o grau de envolvimento dos sujeitos com a internet. Dentro da graduação, o sujeito deve se encontrar em um dos níveis: normal, leve, moderado ou pesado (grave). Na avaliação das propriedades psicométricas pela análise de fatores, foram identificados seis domínios: saliência (itens 10, 12, 13, 15, 19), uso excessivo (itens 1, 2, 14, 18,20), abandono do trabalho (itens 6, 8, 9), antecipação (itens 7, 11), falta de controle (itens 5, 16, 17) e abandono da vida social (itens 3,4) (YOUNG, 2011; CONTI et al., 2012).

O IAT, entretanto não é a única ferramenta metodológica usada para o diagnóstico da dependência de internet. Assim como na dificuldade de denominação do fenômeno comportamental decorrente do uso excessivo em internet, os fatores culturais e particularidades das sociedades geograficamente dispersas fazem com que cada autor desenvolva questionários e escalas específicas sobre sintomatologia psicopatológicas, ou instrumentos próprios; ou ainda, realizem adaptações de testes de personalidade, de ansiedade, de depressão, de inteligência emocional, entre outros, o que dificulta a concordância entre os estudos e não permite o estabelecimento de recomendação do instrumento mais adequado (BROLLO, 2008; YOUNG, 2011; CARBONELL et al., 2012).

A seguir é exposto o método utilizado neste trabalho.

3 MÉTODO

Este capítulo compreende os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, bem como tipo de pesquisa, método de estudo, técnica de coleta de dados e técnica de análise de dados.

3.1 Tipo de pesquisa

O trabalho apresenta características de pesquisa descritiva, referendada por Gil (2008) como uma pesquisa cujos objetivos são o estudo das características de um grupo - origem, determinação de gênero, idade, estado de saúde físico e mental – além, é claro, do levantamento de opiniões, crenças e atitudes do(s) indivíduo(s). Em complementação, Cervo, Bervian e da Silva (2007) destacam ainda, a importância da busca de informações sobre as situações, relações e frequência em que ocorrem os fenômenos dentro do contexto onde estão inseridos os indivíduos, já que a pesquisa descritiva baseia-se em dados e problemas extraídos da própria realidade. Neste caso foram estudadas as características do grupo de estudantes da Unipampa do Campus de Sant’Ana do Livramento com relação a seus hábitos de uso de internet.

A abordagem do problema foi dividida em duas etapas, sendo a primeira uma quantitativa, colocada em prática através da aplicação de um questionário que de acordo com Prodanov e Freitas (2013) busca quantificar as informações necessárias para obtenção dos resultados que foram traduzidos em números e opiniões, enquanto que na segunda parte da pesquisa, de natureza qualitativa, buscou-se a interpretação dos fenômenos e seus significados, através da elaboração e emprego de um roteiro de entrevistas.

3.2 Método

O procedimento técnico metodológico adotado por este estudo foi o estudo de caso, visando o aprofundamento do tema de dependência de internet junto a indivíduos de interesse, no caso, estudantes universitários da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), do campus de Sant’Ana do Livramento – RS.

Para Yin (2005, p. 32), o estudo de caso é um estudo empírico, que tem o objetivo de investigar um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos e, no qual, várias fontes de evidência são utilizadas.

O trabalho está dividido em duas etapas: da primeira etapa quantitativa, participaram 307 alunos da UNIPAMPA, que responderam a um questionário elaborado pela autora para verificar a existência de dependência de internet nos indivíduos do corpo discentes. A coleta dos dados foi realizada durante cinco dias, com uma única visita por turma. A população desta pesquisa foi composta por discentes dos cursos de Administração, Relações Internacionais, Gestão Pública e Economia.

Do total de questionários respondidos 261 foram considerados válidos, sendo 46 questionários descartados pela ausência de dados essenciais ou questões em branco. A amostra foi composta por 144 mulheres e 117 homens, com idades entre 17 e 65 anos, em média, 25,7 anos.

Já para a etapa qualitativa, foram entrevistados cinco estudantes que se dispuseram a participar do estudo em grau de profundidade ainda na etapa de coleta de dados. O critério adotado para a seleção destes foi o nível de dependência demonstrado pelo teste do IAT que são: normal até 30 pontos; leve de 31 a 49 pontos; moderado de 50 a 79 pontos; e grave de 80 a 100 pontos, do total de pontos marcados na escala likert.

3.3 Instrumentos de coleta de dados

Para Marconi e Lakatos (2003) o questionário é um instrumento elaborado com uma série de perguntas ordenadas a serem respondidas sem a presença do entrevistador. O questionário (Apêndice A) utilizado nesta pesquisa foi estruturado com 31 questões objetivas e 3 subjetivas (de caracterização), com perguntas sobre o perfil do acadêmico e o Teste de Dependência de Internet, IAT, versão brasileira adaptado por Conti et al. (2012).

Com base em amostragem não probabilística, os respondentes foram selecionados de forma aleatória, durante o transcurso das aulas. A fim de se visitar o maior número de turmas com o máximo de alunos em sala, a coleta de dados foi precedida pelo envio de um e-mail direcionado a cada docente responsável por determinada turma nos dias escolhidos para a coleta de dados. Realizado o agendamento, foram visitadas as turmas com autorização prévia

dos docentes. Os questionários foram entregues a todos os alunos presentes em aula, após breve explicação sobre os objetivos da pesquisa e a garantia do sigilo das informações. O tempo para a resposta do questionário foi em média de 12 minutos. Após o término do período de coleta de dados por meio de questionário realizou-se uma análise estatística descritiva dos resultados, afim de verificar alunos dependentes ou não de internet, bem como o perfil de uso.

Na etapa seguinte, de aprofundamento do tema, foi utilizado um roteiro de entrevistas contendo 35 questões (Apêndice B) que se basearam em modelos utilizados por Nicolaci-da-Costa (2002b) e Dal Cin (2013), este último apoiado nos diagnósticos de tratamento de Young (2011). Foram divididas as perguntas em 4 blocos sobre hábitos do usuário, sentimentos, problemas causados pela internet no cotidiano e transformações ocorridas na vida do usuário. O objetivo nesta etapa foi a verificação da ocorrência dos fatos presentes na teoria de apoio, anteriormente referenciada.

Foram entrevistados 5 alunos que apresentaram nos testes do IAT grau de dependência moderado a grave, e que se dispuseram a participar da entrevista durante a etapa de coleta de dados. De acordo com Marconi e Lakatos (2003) a entrevista consiste em um encontro entre duas pessoas para que uma obtenha informações da outra acerca de determinado assunto. A entrevista com roteiro semi estruturado é um dos principais meios de coleta de dados quando bem realizada, porém em sua aplicação é importante se levar em conta o tempo de exploração do entrevistado, para que o diálogo não se torne repetitivo e empobrecido, pois esta técnica oferece perspectivas para que o informante atinja uma espontaneidade e liberdade que pode enriquecer a investigação (TRIVIÑOS, 1987).

3.4 Universo da pesquisa

Para Marconi e Lakatos (2003, p.223) “[...] o universo da pesquisa consiste em explicitar que pessoas ou coisas, fenômenos etc. serão pesquisados [...]”. Já a amostragem é a escolha da investigação de uma parcela selecionada do universo (população). Como citado anteriormente, a população do presente estudo foi constituída por alunos da UNIPAMPA, do Campus de Sant’Ana do Livramento, cidade localizada na metade sul do estado do Rio Grande do Sul, região com históricos problemas de desenvolvimento econômico e social.

Com pouco mais de 82.464 mil habitantes (IBGE, 2010), Livramento preserva ainda traços de cidade do interior e vem ganhando cara nova desde a implantação do campus da universidade federal, em 2006, e de usinas geradoras de energia eólica a partir do ano de 2012.

Uma das peculiaridades da cidade é o modo como se relacionam seus habitantes com os vizinhos da cidade uruguaia de Rivera. O município gaúcho e o departamento uruguaio convivem harmoniosamente como uma única cidade dividida em toda sua extensão territorial apenas por uma fronteira imaginária de normas de Estado.

Em 2010, a UNIPAMPA juntamente com outras universidades federais passou a adotar a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como única forma de ingresso para seus cursos de graduação, o que contribuiu para o aumento da diversificação do corpo discente que agora é composto por estudantes oriundos de diversos estados brasileiros e alguns países estrangeiros. Essa variedade foi registrada na presente pesquisa, que contou com participantes de 12 estados brasileiros, de um total de 45 municípios, além de estudantes estrangeiros regularmente matriculados oriundos do Uruguai.

3.5 Técnica de análise dos dados

Os dados obtidos por meio de questionários foram tabulados, organizados e analisados através de estatística descritiva com auxílio de planilhas eletrônicas e dos recursos da tabela dinâmica. Foram quantificados os instrumentos válidos, os participantes por sexo, idade, preferências na internet, de tecnologias de acesso, entre outros além da separação dos respondentes nos diferentes graus de dependência definido por Young (2011), como grave, moderado, leve e normal.

Já o conteúdo resultante do roteiro de entrevistas, foi transcrito, analisado e, mantida a divisão do roteiro em blocos, os resultados apresentados pelos estudantes foram comparados às características gerais apresentados na etapa de questionários e ao referencial teórico.

Segundo Triviños (1987), a análise de conteúdo pode ser aplicada em pesquisas de cunho qualitativo e quantitativo, o autor toma por base o conceito de Bardin em "*Uanalyse de contenu*," de 1977, que classifica como um grupo de técnicas para análise das comunicações, que tem por objetivo descrever o conteúdo das mensagens para que se possam formar conclusões sobre as informações nestas contidas.

4. RESULTADOS

Conforme procedimentos anteriormente descritos, neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa em duas etapas. A primeira de apresentação e caracterização da amostra conforme dados resultantes dos questionários aplicados, e a segunda de análise do conteúdo do roteiro de entrevistas.

4.1 Caracterização da amostra obtida na aplicação dos questionários

Participaram da pesquisa 261 alunos de graduação da UNIPAMPA do campus de Sant'Ana do Livramento, onde as mulheres representaram 55,17% dos respondentes. A maior parte dos entrevistados, 52,1%, possui entre 21 e 30 anos, a idade mínima apurada foi de 17 anos e a máxima de 65, ficando a média de idade geral em 25,7 anos.

Quanto à graduação, 158 dos estudantes pertencem o curso de Administração, 50 de Relações Internacionais, 32 de Gestão Pública e 21 de Economia.

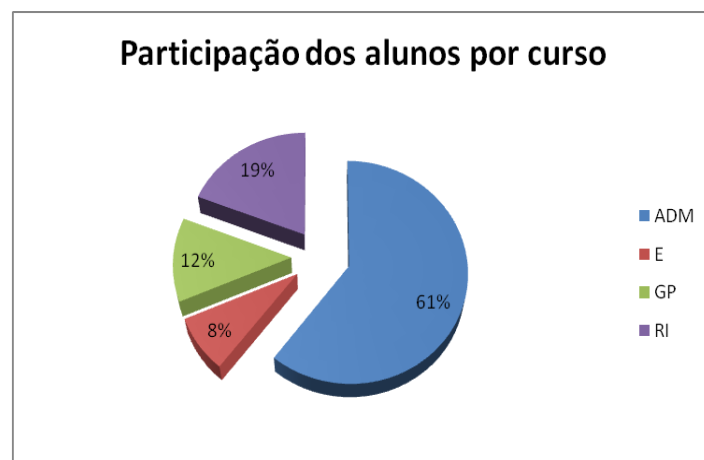


Gráfico 1 - Distribuição dos respondentes da pesquisa pelo curso de graduação (ADM - Administração; E - Economia; GP - Gestão Pública e RI - Relações Internacionais)

Fonte: Dados da pesquisa

Quando perguntado quais as ferramentas utilizadas pelos usuários para acessar a internet a opção computador (que incluía desktops, notebook e netbook) foi selecionada por 209 alunos, já o uso de smartphones por 184. Com menor representação foram registrados ainda o acesso a internet por meio de tablet, 26 alunos, e através de smart TV, marcada por 7 estudantes, conforme gráfico 2.

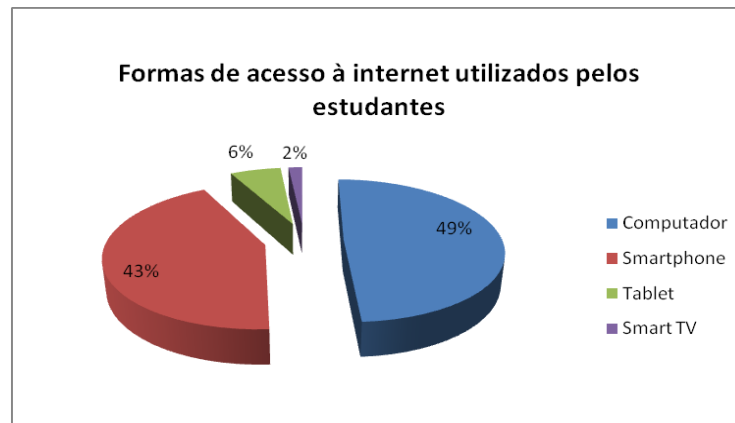


Gráfico 2 - Distribuição da preferência do tipo de equipamento utilizado pelos respondentes para o acesso a internet

Fonte: Dados da pesquisa.

Em se tratando do uso de internet pela combinação ferramentas de acesso (Gráfico 3), a seleção do uso de internet por smartphone + computador representou 43,67% do total respondido para a pergunta “Quais ferramentas utiliza para acessar a internet?”, o que mostra além da familiaridade dos estudantes com os diferentes equipamentos tecnológicos, o smartphone como uma crescente e importante ferramenta de comunicação e incursão a internet, o que vai ao encontro aos dados do PNAD divulgados pelo IBGE (2013) já citados anteriormente na pág. 6 deste trabalho e a tendência assinalada por Cavallini, Xavier e Sochaczewski (2013) de que em pouco tempo o smartphone se tornará a primeira ferramenta de acesso a internet.

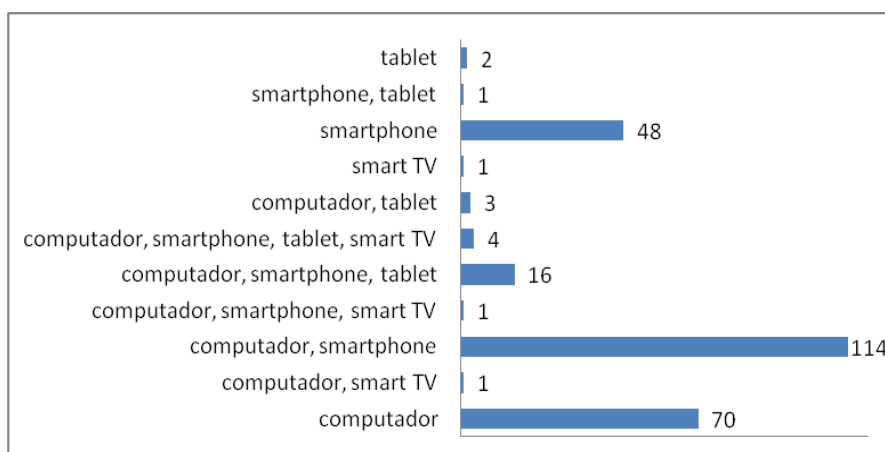


Gráfico 3 - Tecnologias de acesso a internet utilizadas pelos respondentes

Fonte: Dados da pesquisa

As preferências online dos estudantes também foram registradas, mais da metade dos usuários de internet entrevistados confirmaram fazer uso de e-mail e participar de algum tipo de rede social. Em terceiro lugar ficou a leitura de jornais e revistas online. Estes dados podem ser representativos da intensidade de comunicação, e de grande tendência na manutenção de relacionamentos online regulares, bem como presença de informação útil. Tais predileções podem ser observadas também por sexo, conforme quadro 1.

Quadro 1 - Atividades dos estudantes na internet, subdivisão por sexo

Objeto	Mulheres	%	Homens	%	Total Geral
Redes Sociais	126	57,27	94	42,73	220
E-mail	96	54,55	80	45,45	176
Jornais/Revistas	49	45,80	57	54,20	107
Bate-papo	46	61,33	29	38,67	75
Música	31	35,23	57	64,77	88
Vídeos	35	43,75	45	56,25	80
Jogos	6	27,27	16	72,73	22
Conteúdo Erótico	2	14,29	12	85,71	14
Outros	14	53,85	12	46,15	26

Fonte: Dados da pesquisa.

Em conformidade com o relatado no levantamento de estudos realizados na Espanha por Carbonell et al.(2012), nesta pesquisa, os respondentes do sexo masculino apresentaram forte tendência ao uso de atividades mais visuais, como assistir a vídeos online, ler jornais e revistas, participar de jogos virtuais, e acessar a conteúdos adultos. As mulheres por sua vez, demonstraram maior inclinação a prática de atividades comunicativas, representando mais da metade dos respondentes quanto ao uso de redes sociais, e-mail, e participação em conversações em tempo real não presencial, o bate-papo.

Quanto às atividades “outros”, grande parte dos respondentes registrou dedicar o tempo na internet a atividades relacionadas a estudos. Como pesquisas acadêmicas, preparação para concursos públicos e também a participação em fóruns de tecnologia.

Para fins de análise, os respondentes foram divididos em grupos etários, onde os resultados foram: 52,11% possuem idade entre 21 e 30 anos, 27,59% têm de 17 a 20 anos,

14,94% estão na faixa de 31 a 40 anos e apenas 5,36% possuem mais de 40 anos. A presença de quase 80% dos respondentes na faixa de até 28 anos caracteriza a amostra como jovem.

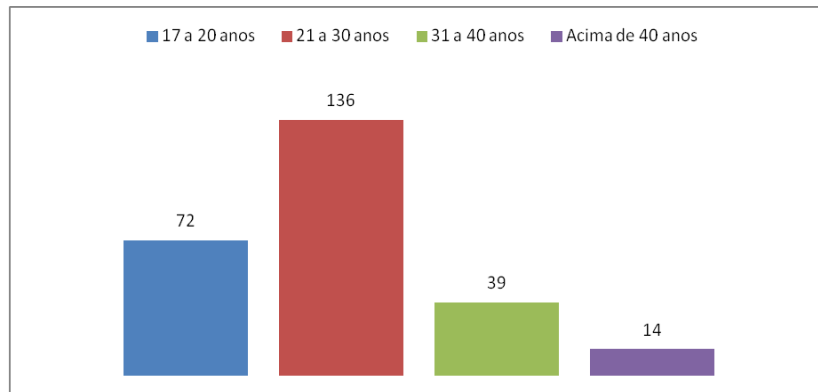


Gráfico 4 - Número de respondentes por faixas de idade

Fonte: Dados da pesquisa

Sobre o uso de internet, 36% dos entrevistados não possuem acesso ou utilizam muito pouco a internet no trabalho. Já para lazer, entretenimento, e outras atividades pessoais, o percentual de pessoas que não utilizam ou utilizam muito pouco a internet no cotidiano cai para 8%, conforme gráfico 6 e 7. O local “casa” foi escolhido por 195, ou 75% dos entrevistados como o ponto onde mais utilizam a internet, seguido pela opção “trabalho”, com 18% da preferência dos entrevistados. Apenas 7% dos respondentes, ou 19 estudantes, dizem acessar a internet na maior parte do tempo de uso, dentro da universidade. Opções como lan houses, restaurantes entre outras, não foram assinaladas.

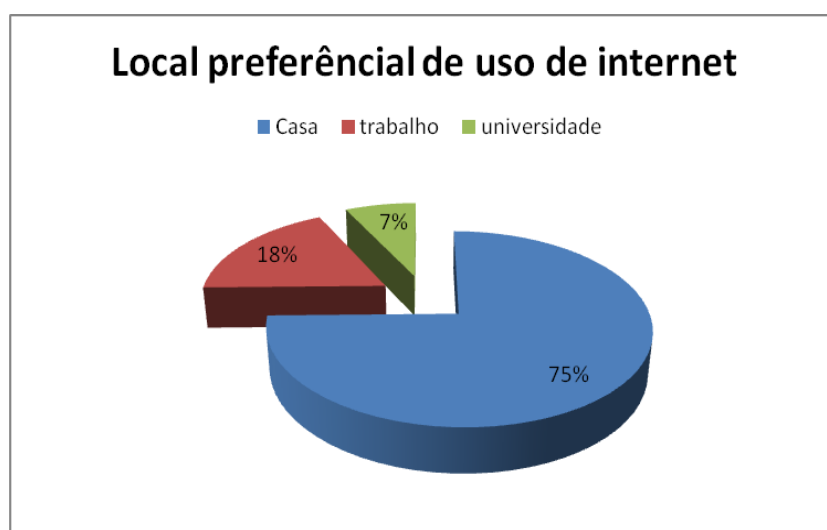


Figura 4 - Ambiente preferido dos respondentes para acesso a internet

Fonte: Dados da pesquisa

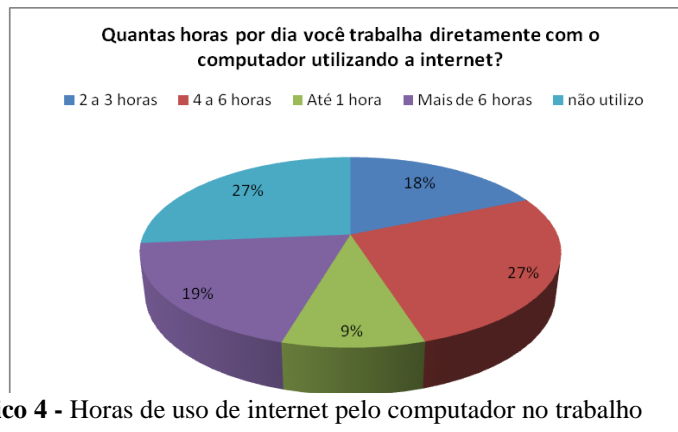


Gráfico 4 - Horas de uso de internet pelo computador no trabalho

Fonte: Dados da pesquisa.

Em se tratando de usos mais prolongados de internet, 19% dos respondentes registraram permanecer mais de 6 horas por dia trabalhando no computador utilizando a internet, e 23% dizem permanecer conectados a internet mais de 7 horas por dia em atividades diversas, ver os gráficos 6 e 7. Entretanto para maioria, ou 55% dos estudantes, o tempo despendido na internet em atividades pessoais diárias é de no máximo 4 horas.

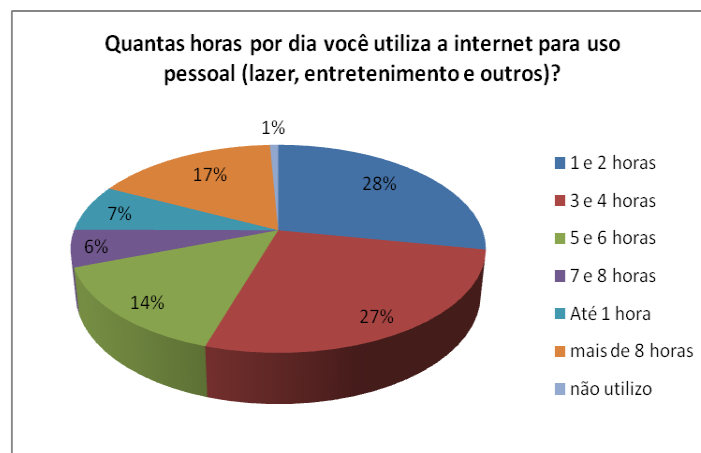


Gráfico 5 - Tempo diário de uso de internet.

Fonte: Dados da pesquisa.

Da amostra obtida, 42% declararam apenas estudar, não exercendo outra atividade. Os demais se distribuíram entre as atividades de estudante e comerciário, estudante e servidor público, estudante e estagiário, estudante e profissional autônomo, e estudante e empresário/comerciante, conforme gráfico 8.

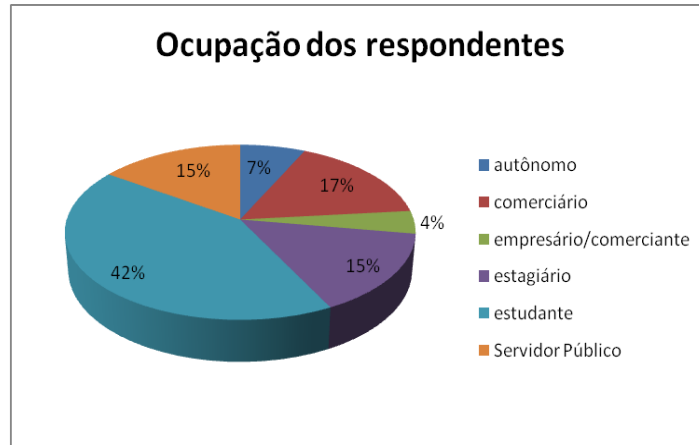


Gráfico 6 - Distribuição dos respondentes por atividade ocupacional.

Fonte: Dados da pesquisa

No que diz respeito à atividade financeira mensal, foram questionados os entrevistados sobre possuir renda ou não, utilizando como parâmetro o número de salários considerando um mínimo de R\$788,00. 93 indivíduos afirmaram não possuir renda e 107, ou 40% da amostra recebem até 2 salários mínimos. Dos 24% restantes, 28 sujeitos disseram ganhar de 2 a 3 salários, 20 declararam receber de 3 a 5 salários, 6 possuíam ganhos de 5 a 7 salários e 7 obtinham rendimentos de mais de 7 salários mínimos, conforme gráfico 9.

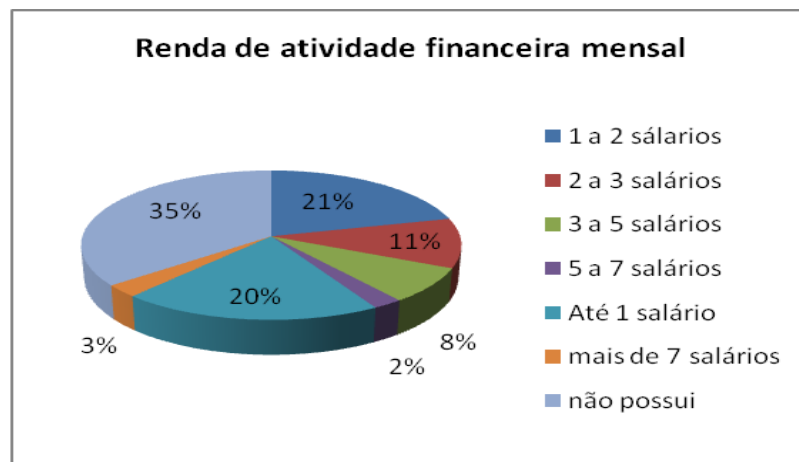


Gráfico 7 - Distribuição dos entrevistados pela atividade remunerada mensal.

Fonte: Dados da pesquisa

Quando questionados em relação a quantidade de pessoas com que moravam apenas 26 estudantes que responderam ao questionário disseram viver sozinhos, 59 indivíduos responderam viver com uma pessoa apenas, e 119 moram com 3 ou mais pessoas. Ainda, 77% dos entrevistados declararam-se solteiros enquanto 21%, ou 55 indivíduos são casados. Representados em menor número, os divorciados somaram 4 pessoas, além de 1 viúvo.

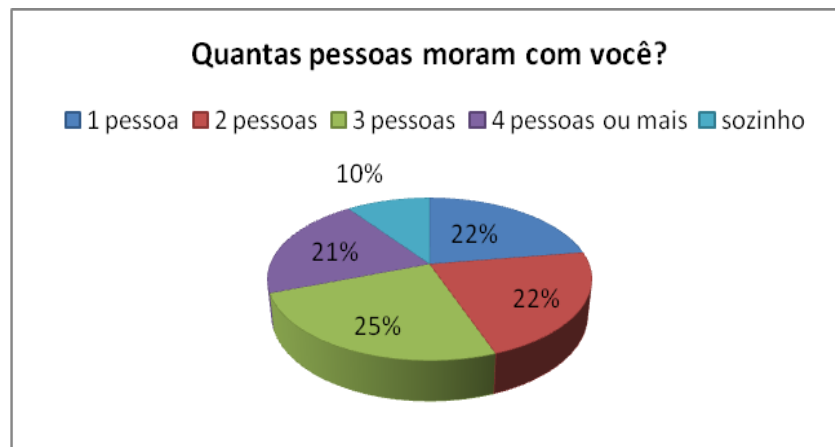


Gráfico 8 - Quantidade de pessoas com a qual os respondentes residem

Fonte: Dados da pesquisa

O perfil da amostra foi, portanto composto por uma maioria jovem, com média de idades de 25,7 anos, que responderam preferir acessar a internet nos seus lares, embora a frequência de uso de internet no trabalho tenha sido de 6 horas, enquanto que nos lares foi de 2 horas. Do grupo 42% apenas estuda, 77% são solteiros, 45,6% moram com 3 pessoas ou mais e 40% possui rendimentos próprios de até 2 salários mínimos vigentes.

4.1.1 Perfil dos respondentes da entrevista com questionários

Dentro do intervalo de pontuação, que indica a existência ou não de grau de dependência em internet, 139 respondentes apresentaram nível de envolvimento normal, 84 leve, 36 moderados e apenas 2 sujeitos atingiram nível considerado grave. Realizando testes estatísticos, verificou-se que a moda dos resultados do teste do IAT, elaborado por Young (2011), foi de 42 pontos, o que na escala da referida autora representa um grau leve de envolvimento com a internet, ou seja, a amostra apresenta sim, grau dependência de internet, muito embora a classificação do perfil dos respondentes seja “Normal”.

Os dois sujeitos classificados com nível grave de dependência, são usuários cuja rotina de uso da internet foge ao controle, são indivíduos movidos pela compulsão em realizar certas atividades (YOUNG, YUE E YING, 2011), enquanto que indivíduos moderados e leve apresentam mudanças de comportamento que muitas vezes passam despercebidos. São modificações evidentes, mas facilmente mascarados pela uso da tecnologia, tão comum no dia-a-dia (YOUNG, 2011). O Gráfico 11 apresenta o percentual de respondentes conforme o grau ou nível de dependência de internet.

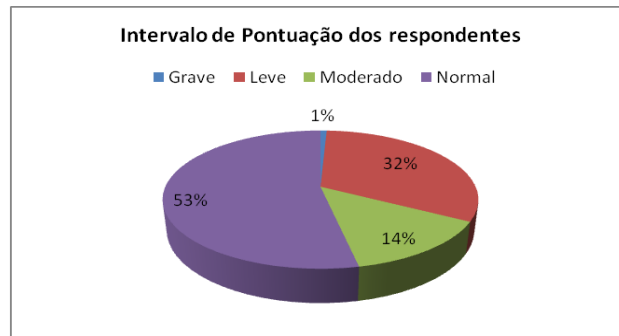


Gráfico 9 - Distribuição percentual de entrevistados quanto ao grau de dependência.

Fonte: Dados da pesquisa

Em análise, o grau de dependência de internet foi relacionado ao sexo dos questionados. Os resultados foram bastante equilibrados, embora os níveis de dependência nas amostras femininas tenham sido levemente mais elevadas que as masculinas. O mais alto grau de dependência foi registrado por um baixíssimo percentual, apenas 1% do total de amostras, representados por 2 sujeitos do sexo feminino. A maior parte da amostra, entretanto, está caracterizada como “Normal”, quando não apresenta condição que caracterize dependência.

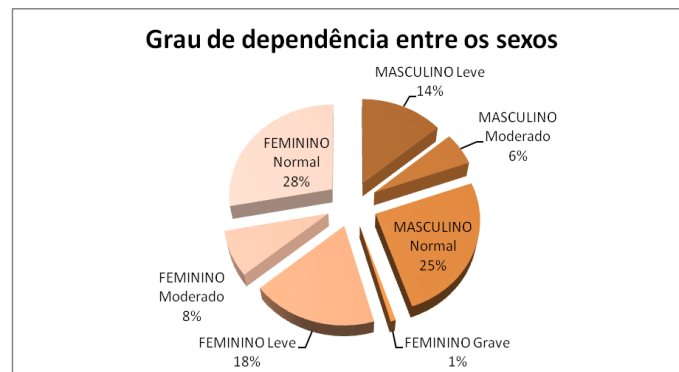


Gráfico 10 - Grau de dependência de internet distribuído por sexo.

Fonte: dados da pesquisa

Na relação entre lugar de origem e o nível de dependência os resultados mostram que o fator distância das famílias pode ser relevante no grau de dependência encontrado nos entrevistados, conforme o Gráfico 13.

Embora o número de horas de uso de internet por si só não sejam um fator determinante no diagnóstico de dependência de internet, e mesmo que 61,68% dos estudantes entrevistados fossem de Livramento, o número de estudantes locais e dos provenientes de

outras cidades com grau de dependência é equivalente quando somados, aos respondentes santanenses, os estudantes da contígua de Rivera, cidade que pertence a outro país por questões de separação diplomática.

Dos 68 respondentes que revelaram utilizar a internet por um período maior que 5 horas, 34 estudantes são oriundos de outras cidades, que não Sant'Ana do Livramento ou Rivera, enquanto o número de estudantes locais que se conectam diariamente pelo mesmo período também foi 34 indivíduos, sendo 32 santanenses e 2 riverenses.

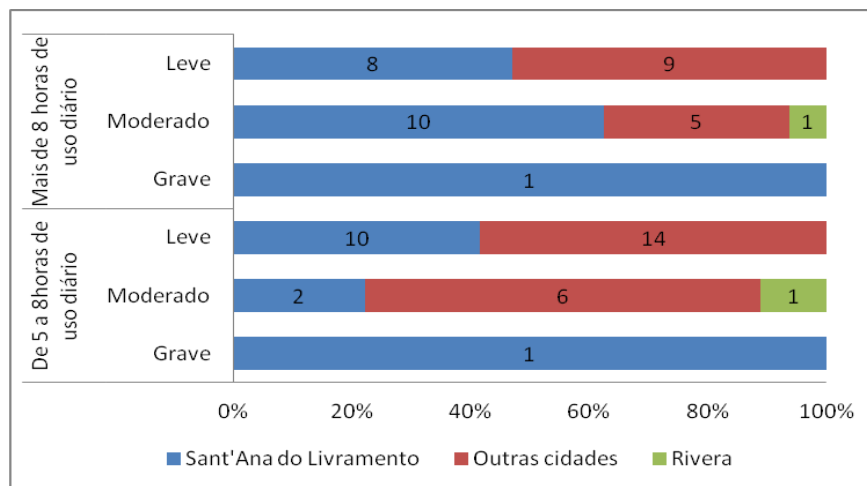


Gráfico 11 - Quantidade de uso de internet entre os respondentes e grau de dependência

Fonte: Dados da pesquisa

Um dos motivos da prevalência de dependência de internet em jovens e universitários, como já citado é a assimilação e a familiaridade da utilização da internet em suas rotinas diárias estimulada pela disponibilidade de acesso à rede em qualquer lugar. Mesmo a frequência de respostas ao teste do IAT tendo classificado a amostra como “normal” uma análise comparativa entre respostas (ao IAT) consideradas relevantes no perfil do grupo estudado e classificação etária procurou demonstrar tendências entre diferentes faixas de idade. Dentre as 20 questões respondidas no referido teste, a frequência das respostas de “4” interrogativas alcançaram 2 pontos, três atingiram 3 pontos, e duas questões alcançaram 5 pontos de frequência na escala likert que variava entre 1 (raramente), 2 (ocasionalmente), 3 (frequentemente), 4 (geralmente) e 5 (sempre), a frequência dos demais itens não chegou a 2 pontos.

No Quadro 2, a frequência de pontuação da questão de número “1”, sobre o uso excessivo de internet foi a única a apresentar significância em todos as faixas de idade,

atingindo 5 pontos de frequência na faixa de idade de “17 a 20 anos”, bem como foi única onde o grupo de “31 a 40 anos” alcançou frequência de 4 pontos na escala, superando os grupos de “21 a 30 anos” e “acima de 40 anos”. A falta de controle do uso de internet foi também característica marcante no grupo de “17 a 20 anos”, o único a apresentar pontuação relevante na questão de número “16”, onde alcançou também 5 pontos de frequência na escala Likert.

Na questão número “2”, de uso excessivo de internet e consequente abandono de tarefas domésticas, chama a atenção a frequência de pontuação 2, que representa a variável ocasionalmente presente no grupo etário acima de 40 anos. Percebe-se aqui a tendência de pessoas mais adultas, que viram surgir a era digital, em utilizar cada vez mais a internet como ferramenta de apoio, entretenimento ou de substituição de hábitos, o que acaba por repercutir em determinados aspectos da vida cotidiana desses sujeitos.

Quadro 2 - Perguntas do teste do IAT que obtiveram pontuação significativa frente à idade dos respondentes

Fatores associados à dependência	Número da Questão	Pergunta	Faixas de Idade				Número de pontos na escala Likert
			17 a 20 anos	21 a 30 anos	31 a 40 anos	Mais de 40 anos	
Uso excessivo	2	Com que frequência você abandona as tarefas domésticas para passar mais tempo na internet?	3	2		2	
Antecipação	7	Com que frequência você acessa seu e-mail antes de qualquer outra coisa que precise fazer?	3	2	2		
Abandono da vida social	4	Com que frequência você cria relacionamentos com novo(a)s amigo(a)s da internet?	2				
Saliência	12	Com que frequência você teme que a vida sem internet seria chata, vazia e sem graça?	3	2			
Falta de controle	16	Com que frequência você se pega dizendo “só mais alguns segundos” quando está conectado(a)?	5				
Falta de controle	17	Com que frequência você tenta diminuir o tempo que fica na internet e não consegue?		2			
Uso excessivo	1	Com que frequência você acha que passa mais tempo na internet do que pretendia?	5	3	4	2	

Fonte: Dados da pesquisa.

Apesar de as questões de número “6” e “8”, respectivamente sobre piora no desempenho e produtividade escolar, e de trabalho, não terem atingido frequência de pontuação igual a 2, outras questões destacadas no quadro 2 (“1”, “2”, “12” e “16”, por exemplo) são demonstrativas do quanto o uso abusivo de internet se reflete no cotidiano do indivíduo, através da protelação de atividades diárias até mesmo do sono.

4.2 Hábitos, sentimentos e problemas causados pelo uso excessivo de internet na vida de estudantes entrevistados

O texto que segue é baseado em entrevistas realizadas com cinco estudantes da UNIPAMPA que aceitaram participar desta etapa ainda na fase de aplicação dos questionários, quando ao final do preenchimento do rol de perguntas imediatamente procederam a soma do inventário do IAT e se identificaram quanto a classificação do grau de dependência como moderado. A seleção destes deu-se de forma aleatória entre os respondentes mais acessíveis que prontamente se dispuseram a colaborar. Dos dois usuários classificados como grave um não foi identificado e o outro por motivos diversos optou por não participar. Algumas semanas após a aplicação dos questionários em sala de aula todos estudantes foram novamente submetidos a responder ao teste do IAT onde foi confirmado o nível de severidade de dependência de internet moderado. Por fim, o grupo de entrevistados foi composto por 4 mulheres e 1 homem, com grau de dependência moderado e idades entre 20 e 31 anos.

Seguindo a forma de apresentação do roteiro de entrevistas, a análise do conteúdo originado das entrevistas está subdividida em blocos de percepção dos usuários, apoiado no modelo exibido por Nicolaci-da-Costa (2002b). São eles: Hábitos dos usuários; Sentimentos, emoções e opiniões; Problemas, vida virtual e vício; e Mudanças e transformações na vida dos usuários em função da internet.

4.2.1 Hábitos dos usuários

Questionados quanto à iniciação na internet os cinco estudantes declararam ter entrado em contato pela primeira vez por motivos escolares, quatro disseram ter descoberto a internet ainda na adolescência ou infância. O uso de redes sociais também fez parte dessa iniciação ao mundo virtual, permanecendo até hoje como uma das atividades regulares mais citadas pelos

jovens durante a entrevista. O relato corrobora com o descrito por Palfrey e Gasser (2011) quanto ao uso da internet por jovens ou adolescentes como forma de experimentação da identidade social que pode ser observado nos entrevistados através do uso das redes sociais e do aperfeiçoamento intelectual visto na busca de informações como na realização de pesquisas escolares.

“Eu comecei a acessar a internet na época do colégio, porque meu pai me estimulou a fazer pesquisas na internet. Só que eu fiquei viciada mesmo quando começou o Orkut”.

(D. 25 anos)

“Primeiramente começou na época da escola (...) fazendo pesquisas, enfim. E posterior a isso as redes sociais, na época do Orkut que era febre, e depois também em sites de relacionamentos. Porque eu acho que até é uma ferramenta de tu conhecer novas pessoas, entende! Pra uma pessoa que não vai a festas como eu (...) é uma maneira de tu conhecer pessoas, por isso acho que é importante”.

(F. 29 anos)

A atual rotina de uso de internet por parte dos entrevistados, já evidencia um comportamento excessivo. A maioria relatou estabelecer conexão com a internet logo quando acorda, movidos por um impulso acessando especialmente as redes sociais, que continuam presentes durante todo o tempo no cotidiano destes estudantes.

“[Uso] praticamente 24h. Eu acordo daí já vistorio as redes sociais, as mensagens do Whatsapp, (...) e-mail importante, algo para responder, enfim, já vejo a vida alheia”.

(W. 22 anos)

“(...) acordo, já vou direto para o celular mexer no “whats” que é o que eu fico ligada 24h. (...) Acho que até quando eu durmo, eu mexo no “whats”. *risos”.

(D. 25 anos)

“Quando eu abro os olhos [de manhã] a primeira coisa é entrar no facebook dar uma espiadinha. (...) depois me organizo vou pro trabalho (...) [lá] a primeira coisa é olhar o e-mail corporativo e o pessoal. E durante o dia, sempre aquela espiadinha, né!”

(F. 29 anos)

O celular ou smartphone é atualmente o aparelho preferido dos entrevistados para acessar a internet. Os motivos foram unânimes: a proximidade e disponibilidade deste aparelho sempre ao alcance. O tema foi tratado por Taurion (2002) como uma tendência futura, que veio a se confirmar 13 anos depois. Já o que disse Carbonell et. al (2008), sobre tal aparelho possuir características de objeto social dominante é tanto verdade, que quando perguntados sobre quanto tempo permaneciam online as respostas variaram entre “24h” e “sempre” no smartphone.

“Fico o tempo todo conectada, 24 horas. Só que eu acesso quando eu “tô” livre, assim, do trabalho, da faculdade. Eu preciso que fique ligada o tempo todo [a internet]. *risos* preciso ter informação. Ou os meus e-mails, né! Tem que estar sempre atualizados”.

(P. 31 anos).

“Conectada “tô” sempre, mas não quer dizer que (...) eu to mexendo, entendeu?! Posso “tá” ali, “tá” dizendo que eu “tô” online no facebook, entendeu?! Mas não “tô”, deixo ligada a internet no celular, mas não fico mexendo. (...) porque se chamarem e estiver desconectado não vou receber a mensagem na hora. Às vezes no “whats” é alguma coisa que exige que tu respondas rápido, entendeu?!”

(D. 25 anos)

Perguntado sobre o que mais faziam na internet grande parte das respostas foram para o uso de e-mail, redes sociais e pesquisas relacionadas à faculdade ou ao trabalho. Nos momentos de folga os estudantes mencionaram realizar atividades de rotina como arrumar a casa, lavar roupas, assistir filmes e dedicar o tempo ao companheiro ou filhos. Afirmaram, porém, em paralelo às referidas atividades, acessar a internet conforme vão terminando as tarefas ou filhos e companheiros se afastam.

Todos os cinco entrevistados afirmaram ter passado horas seguidas na internet, ou mesmo ter virado a noite navegando, ou conversando com pessoas. No que diz respeito ao número máximo de horas dedicadas à internet, alguns relatam lembrar-se do tempo despendido e dos motivos que levaram a passar tantas horas conectado, outros disseram não ter dedicado o tempo discorrido a nada em específico, ficaram apenas “mexendo na internet”. Lembrando que o número de horas caracteriza apenas o uso excessivo, mas, conforme Young (2011) não é o suficiente para definir a dependência, que deve estar associada a ainda outros fatores.

“Umas 4 horas, (...) em sites de relacionamentos, conversando”.

(F. 29 anos)

“Bah! Não tenho ideia. Tipo, uma tarde inteira.

Num domingo chuvoso”.

(P. 31 anos)

“Posso falar que umas 10 ou 12h, assim, deitado, com o computador, sem fazer nada praticamente. Quando tu vê, já passou”.

(W. 22 anos)

“Hoje em dia não fico mais porque a responsabilidade é outra. (...) eu priorizo outras coisas, como dormir, né!(...) [Já fiquei conectada] umas sete horas direto”.

(D. 25 anos)

Percebeu-se que os estudantes possuem uma rotina de uso excessivo de internet que acaba por comprometer a atenção dispensada a outras atividades. Grande parte do tempo utilizado na internet é dedicado a comunicação com pessoas conhecidas, como amigo, familiares, colegas da faculdade ou para trabalho. O smartphone, que aparece como ferramenta principal na rotina de acessos a internet é mais um elemento causador da ansiedade apresentada pelos usuários.

4.2.2 Sentimentos, emoções e opiniões

Em definição ao que os mantinha na internet, foram utilizadas pelos entrevistados as palavras “informação”, “notícias” e “comunicação”, que resumiam a importância da manutenção do contato com o mundo ao redor. Das facilidades advindas da internet, a revolução das comunicações é para estes, o fator mais importante. Muitos relataram manter contato com amigos e familiares que vivem em outras cidades, ou mesmo a preferência por conversar sem deixar o conforto do lar.

“Porque é uma maneira fácil de conseguir conversar com as pessoas (...) não paga também, não precisa ligar, não gasta cartão”. (J. 20 anos)

“(...) como eu trabalho e estudo, não tenho tempo de “tá” conversando e indo visitar as pessoas, então eu consigo conversar com elas (...) saber como estão meus parentes. É impossível viajar, e a maioria mora longe”. (P. 31 anos)

A perda da noção do tempo despendido na internet também é outro fator encontrado no grupo de entrevistados, através do relato de quatro indivíduos, que tem a sensação de que o tempo passa muito mais rápido quando estão online. Que uma simples curiosidade ou “rápida” conversa pode render uma hora ou mais do que se pretendia. Esse sentimento de volatilidade do tempo concorda com o encontrado no item “1” do teste do IAT aplicado aos demais alunos da universidade.

Quanto ao sentimento em relação a publicar informações, imagens, vídeos, apenas os sujeitos “J. 20 anos” e “F. 29 anos” disseram preferir a descrição no que se refere ao compartilhamento de atividades online, não exercendo, ou exercendo muito pouco esse tipo de comportamento na internet. Para os demais, trata-se de uma atividade prazerosa.

“Geralmente compartilho tudo. Assim, tipo, a minha filha mesmo, criei um álbum no facebook com todo o desenvolvimento dela. Para, por exemplo, (...) os familiares poderem ver. Ela já tem 2 anos e não conhece o avô que mora em São Paulo”. (P. 31 anos)

“Normalmente compartilho coisas pessoais, então (...) que alguém leia, que possa ajudar alguém, que a pessoa se identifique com o que eu postei, e daí ela curta. (...) é bom quando abre uma foto tua e tem um monte de curtidas, é legal. Só que [isso] nem sempre acontece, tipo, não é por isso que eu vou ficar triste”. (W. 22 anos)

Indagados sobre algum acontecimento em que outras pessoas se queixassem do uso excessivo, três indivíduos que responderam positivamente, sendo que a mãe, o namorado e/ou amigos reclamam quando o uso da internet interfere no relacionamento. Já sobre ter o tempo

de internet controlado por outra pessoa, outros três estudantes afirmaram que o marido ou namorado exercem o papel de figura moderadora.

“Ah, minha mãe! Tipo vai visitar a mãe, e ela está falando contigo e tu na internet, no whatsapp [dizendo] “ai, só um pouquinho”. (P. 31 anos)

“Meu namorado, quando ele chega à minha casa, me faz desligar o Wi-Fi na mesma hora. *risos.” (J. 20 anos)

“Não. Porque todo mundo é que nem eu. Até minha mãe que antes reclamava (...) agora eu fico [dizendo] mãe, dá pra ti olhar pra mim, eu to falando contigo! A minha mãe aprendeu comigo”. (D. 25 anos)

Em relação à falta de internet e o que sentiam os usuários a respeito, apenas um sujeito disse não sentir necessidade de internet, os demais relataram sentir a ausência quando não podem estabelecer conexão por estar no trabalho, na faculdade ou mesmo pela ausência ou lentidão do sinal da operadora ou de redes Wi-Fi. Um dos entrevistados chegou a mencionar que se sentiria perdido sem poder acessar a internet.

“[Quando está lenta a internet] fico irritada, no meu trabalho mesmo faz uns 3 dias que está lenta, eu fico extremamente irritada. Porque as vezes (...) no teu trabalho, a coisa não anda, tu te atrasa, (...) porque querendo ou não (...) a gente é um pouco dependente”. (D. 25 anos)

“Eu roubo a [internet] do vizinho. *risos. Quando a minha fica lenta, eu conecto na do vizinho”. (J. 20 anos)

“Me irrita, eu dou um jeito pra ter acesso, assim, faço qualquer coisa, pago pacote extra de celular, qualquer coisa. As vezes tu está esperando uma resposta importante, enfim”. (F. 29 anos)

Para os estudantes de modo geral, viver em um mundo sem internet seria mais trabalhoso. Eles citam a importância desta ferramenta na obtenção da informação, como por exemplo, nas pesquisas dos conteúdos para as aulas da faculdade, ou da busca por entretenimento, e mesmo nas relações de comunicação entre clientes, funcionários e fornecedores no trabalho corporativo.

“Acho que seria estressante, porque eu acho que é mais para me desestressar que eu uso a internet”. (P. 31 anos)

“Acho que seria igual a quando eu era criança! *risos. Não “ia” me fazer falta, mas a partir do momento que eu tenho esse meio de acesso, não sei se eu viveria sem, sabendo que outras pessoas teriam essa acessibilidade. Agora, se os outros não tivessem (...) e eu também não (...) eu iria me sentir mais confortável. *risos”. (W. 22 anos)

“Um desastre! Hoje em dia não tem como uma pessoa viver sem internet, não tem como. (...) no meu ambiente de trabalho (...) o sistema operacional depende de internet (...) o telefone é através da internet. “Ia” ser diferente, né!”. (F. 29 anos)

4.2.3 Problemas, vida virtual e vício.

Entre alguns dos problemas percebidos e relatados pelos entrevistados estão a perda de sono, o abandono da vida social e os conflitos em relacionamentos familiares. Tais características evidenciam o comportamento abusivo dependente, porém, os benefícios da internet parecem anular a percepção de dependência.

“Acho que prejudica o sono as vezes, quer dizer, sempre. Mas quando vejo que “tá” me prejudicando eu tento mudar algumas coisinhas assim. Um dia, ou outro, mas não deixo de usar [a internet]. *risos”.

(W. 22 anos)

“Já deixei de ir a vários lugares com meus amigos, de os meus amigos se irritarem comigo por eu preferir ficar em casa na internet a fazer alguma coisa com eles. (...) Eles se chateiam. (...) [não vou] por acomodação, preguiça, sei lá!”.

(D. 25 anos)

“(...) muitas pessoas da minha família (...) reclamam que passo muito tempo na internet. Eu não converso. Eu chego em casa cansada e vou pra internet, e ali consigo relaxar melhor do que conversando com eles”.

(F. 29 anos)

“Sono. Por passar muito tempo na internet. (...) às vezes eu chego da faculdade cedo e fico lá [na internet] e quando eu vejo já é tarde, já tenho que dormir, porque no outro dia tenho que trabalhar né!”.

(P. 31 anos)

A restrição na comunicação familiar foi relatada por Carbonell et al. (2012) como um tipo de disfunção social que leva ao afastamento do convívio em família, ou de amigos. Para Greenfield (1999) quando o uso abusivo causa transtornos ou prejuízos em alguma área importante da vida do indivíduo, fica estabelecida a relação de dependência.

Apenas um dos estudantes disse não perceber o abuso do tempo na internet, os demais relatam a interferência do uso excessivo na rotina através da procrastinação de atividades, definindo o tempo gasto como perdido.

“(...) se eu tenho que fazer almoço, e fico na internet fazendo outras coisas, e aí, quando vejo já é tipo, 13h da tarde e eu “to” na internet desde as 10h falando que estava indo fazer o almoço e não fiz. *risos”.

(W. 22 anos)

“(...) o meu tempo é curto, é cronometrado, eu trabalho, estudo. E às vezes, o tempo que eu tenho pra poder fazer uma unha, enfim, algo nesse sentido (...) eu to lá na internet”.

(F. 29 anos)

Com algumas ponderações, quando questionados quanto a conseguir se relacionar com outras pessoas durante algum evento ou comemoração sem o uso de internet, a maioria dos universitários respondentes afirmou conseguir interagir sem se preocupar com o que está acontecendo no mundo virtual.

“Eu consigo interagir e ficar na internet ao mesmo tempo. Eu já acostumei (...) não vou me desconectar porque se eu “tô” na festa eu vou ficar tirando fotos pra postar no instagram. (...) consigo fazer as duas coisas”.
(D. 25 anos)

“Eu vou conectar em seguida depois, para ver o que está acontecendo [na internet], então...”
(P. 31 anos)

“Tudo depende, (...) se for um ambiente que eu esteja com meus melhores amigos, ou companhias agradáveis, com certeza eu deixo de acessar as redes sociais”.
(F. 29 anos)

Em relação ao uso de internet para aliviar algum sentimento ou mesmo fugir de aborrecimentos e chateações porque não estão sendo vistos pessoalmente, quatro dos respondentes disseram já ter usado a internet para aliviar sentimentos como o tédio e aborrecimentos navegando por período indeterminado e sem objetivo fixo. Essa experiência de comunicação agradável é proporcionada, segundo Carr (2011) pelos estímulos interativos e sensoriais que proporcionam relaxamento o que de acordo com Nicolaci-da-costa (2003) pode influenciar para que os usuários se mantenham cada vez mais conectados.

“(...) eu acho que a internet é como a música, sabe?! Tu vai ouvir música e parece que tu relaxa, sabe?! Daí (...) tu fica ali dando risada, olhando bobagem (...) se distrai e passa a hora”.
(D. 25 anos)

“Já, já! [Utilizei para aliviar sentimentos] lamentando algumas vezes. *risos. Várias vezes. (...) foi uma forma de me liberar, me fez bem. Quase que escrevendo um diário, né! Só que daí todo mundo lê”.
(W. 22 anos)

“[Quanto ao alívio de sentimentos] com certeza, Porque ali tu pode muitas vezes até fingir que está feliz. (...) pode criar um mundo imaginário, né! Tu foge da vida real”.
(P. 31 anos)

“[para fugir de aborrecimentos] sim, com certeza. Porque na internet, se tu não quiser ouvir aquilo, tu desconecta e pronto. Daí no outro dia tu: “ai, caiu a internet” *risos”.
(J. 20 anos)

Quando perguntados se os amigos virtuais eram os mesmos da vida real ou qual a maior rede de contatos, a maioria dos entrevistados afirmou possuir uma rede de contatos virtual maior, porém os relacionamentos virtuais mais frequentes ocorriam com amigos “de verdade”, pessoas que conheciam realmente, ainda que não se encontrassem tanto fisicamente. Apenas um estudante relatou manter contato com pessoas de forma presencial na maior parte do tempo. Todos utilizam as redes sociais ou outras formas de comunicação proporcionadas pela internet para firmar amizades distantes, mas reais.

“A minha rede de contatos virtual é bem extensa, um exemplo meu facebook (...) tem uns 500 amigos (...) desses não vou tirar nem 100 pessoas que eu mantenha [contato] pessoalmente. (...) mas

“Eu acho que a [rede de contatos] presencial é maior, eu conheço tanta gente. (...) [na rede] virtual, são pessoas conhecidas, mas que eu não tenho muito contato”.
(J. 20 anos)

relacionamento no “whats” só com pessoas reais”.

(F. 29 anos)

“(…) todas as pessoas com quem eu falo, são pessoas com quem eu convivo. (…) mantenho relacionamento pessoal, mas mais pelo “whats”, (…) são pessoas com quem eu encontro”.

(D. 25 anos)

Questionados sobre o que seria a dependência de internet e se consideravam se como tal, apenas o sujeito “P. 31 anos” se autodeclarou como usuário abusivo. Neste caso, a percepção dos demais entrevistados pareceu estar diretamente relacionada com aspectos sabidos sobre o significado da palavra dependência de um modo geral.

“Eu acho que é o tipo de falta que parece que não tem como suprir com outra coisa, [ou] pessoa. Não me considero dependente”.

(J. 20 anos)

“Dependência? É o que a gente sente assim, a falta dela [internet] quando não pode utilizar aí tu sente a dependência. (…) depende do nível, né! (…) [a pessoa] pode até ficar irritada e agir compulsivamente (...), por exemplo, em sala de aula, o professor tá falando e a pessoa super dependente “tá” ali, mexendo, escondidinha, mas “tá”. Eu me considero porque eu sinto a necessidade (...) eu não me imagino sem internet”.

(P. 31 anos)

“Eu acho que é tu desligar totalmente, assim. Só querer ficar na internet. Tu para de vive a tua vida, de conviver com outras pessoas para viver naquele mundo ali, entendeu?! Eu acho que isso é dependência. Eu consigo ficar sem internet, as coisas importantes da minha vida eu acho que não deixaria de viver ou fazer pra ficar na internet”.

(D. 25 anos)

“É aquela pessoa que está 100% (...) conectada utilizando a internet. Que passa nos corredores com a cabeça baixa, né! E não fala. Acho que consigo ter uma vida paralela a internet, vamos dizer assim, de um modo normal”.

(F. 29 anos)

“(…) quando a pessoa deixa de ter relações fora do mundo real, pra ter só no virtual. (...) pessoas que acham que tem namorado(a), noivo(a) pela internet, e na vida real não tem, e acham que isso é benéfico (...) deixam de comer, dormir. (...) Aí é o momento de dependência (...) acho que a pessoa tem que rever isso”. Eu me considero dependente pelos benefícios que ela [internet] me trás, mas isso não interfere em nada na minha vida pessoal. (...) Não me considero dependente (...), mas de certa forma tu depende daquilo, é...*risos.

(W. 22 anos)

4.2.4 Mudanças e transformações na vida dos usuários em função da internet

Quando questionados sobre quais coisas os agradavam na internet que não existia na vida real os estudantes relataram diferentes motivos, como a acessibilidade da informação sobre tudo, hobbies, moda, estilos de vida, viagens, itens de consumo que podem ser adquiridos somente pela internet e claro a manutenção do contato com pessoas longínquas e outras não muito distantes.

Já quanto a sentirem-se mais a vontade ao relacionarem-se com pessoas quando conectada ou desconectada apenas um dos entrevistados respondeu sentir-se mais seguro para conversar quando fica conectado a internet, os demais preferem conversas ao vivo

demonstrando entre outras coisas preocupação em dar atenção ao outro, e com mal entendidos que podem ocorrer pela forma de se expressar virtualmente ser diferente de quando se está diante de uma pessoa.

“Tanto faz. Da mesma forma que eu trato uma pessoa ao vivo, eu trato também pela internet. Eu sou a mesma. (...) tem pessoas que são mais tímidas que preferem falar virtualmente”. (D. 25 anos)

“(...) tem coisas que tu não consegue falar na frente da pessoa, mas quando tu não tá enxergando, daí tu fala”. (J. 20 anos)

“(...) [prefiro] quando eu não “tô” conectada. Porque eu posso dar atenção para a pessoa. [se eu estiver conectada] eu não presto atenção em nada. *risos. (...) eu posso até responder, mas nem sei o que “tô” falando”. (P. 31 anos)

Os benefícios da internet percebidos pelos usuários são inúmeros, porém é preciso que se tenha uma atenção especial aos efeitos negativos de seu uso desregrado. A internet, como citado por Taurion (2002) permite a exploração de tempos antes considerados perdidos, mas pode representar para nossos cérebros o que representa uma intoxicação ao organismo originado pelo uso exagerado de determinados químicos.

Entre os impactos do uso excessivo de internet encontrados aqui, cabe ressaltar o não reconhecimento da maioria dos entrevistados em sendo dependente de internet, mesmo que por diversas vezes reconheçam alterações comportamentais e problemas causados pelo uso excessivo desta em suas rotinas, a não aceitação é sentimento comum mesmo a sujeitos que apresentam outras dependências. Citado por Young (2011) o uso legitimado e cotidiano dos computadores, e agora também dos smartphones muitas vezes dificulta e mascara o diagnóstico de dependência. A presença contígua deste aparelho é o que permite para Fortim (2013) a existência de relações online de forma realista, chegando ao ponto em que o usuário perde a noção do que é virtual ou real.

Outra característica importante relacionada ao grupo estudado é a presença habitual dos estudantes nas redes sociais ou aplicativos de comunicação. Apesar de fazerem uso de outras ferramentas como o e-mail e sites de busca, boa parte das associações feitas quando citavam hábitos de uso na internet estavam relacionadas à comunicação e interação com amigos através dos grupos sociais online. Quando perguntado “o que te mantém na internet?”, o relacionamento com pessoas reais, mas distante foi o mais citado, o que ratifica a revisão literária de Clay (2000) onde afirma que relacionar os frequentes hábitos de comunicação virtual com o aumento do isolamento (solidão) do indivíduo é um erro. O mesmo foi

observado por Nicolaci-da-Costa (2002b), em suas pesquisas os sujeitos mantinham o hábito de conversar virtualmente com amigos da vida real. Aqui chama a atenção também o testemunho de um dos entrevistados que relatou conseguir relacionar-se com pessoas reais e virtuais em tempo real.

No que concerne a outros impactos da dependência presentes no grupo, estão os transtornos de ordem fisiológica referidos por Pontes (2013) como distúrbios que afetam o sono e a falta de percepção do tempo de uso. Todos os entrevistados mencionaram dormir pouco ou muito tarde da noite para permanecer online por mais “10 minutinhos”, que se transformam em 1 ou 2 horas. Nenhum dos entrevistados relatou ou expressou perceber impactos do comportamento abusivo na própria rotina acadêmica, apenas observaram o comportamento de terceiros que possivelmente seriam dependentes de internet, ainda sim, em pelo menos três dos entrevistados foram percebidos sinais de ansiedade, o que lembra o anteriormente citado por Sebastião e Lampkowski (2009) de que a internet é muitas vezes utilizada para aliviar tal sentimento, fato também confirmado pelos estudantes que disseram fazer uso da rede para atenuar chateações ou aborrecimentos apenas “navegando” sem qualquer objetivo definido.

As consequências do comportamento abusivo nos relacionamentos com outras pessoas são evidenciados nos relatos dos entrevistados, muitos citam experiências de conflito com familiares e até mesmo amigos que se incomodam em vê-los por tanto tempo “dentro” dessa realidade paralela. Companheiros ou demais familiares tornam-se moderadores dos excessos, um dos estudantes expôs preferir permanecer na internet a interagir com familiares próximos o que lembra Quan-Haase e Wellman (2002), que mencionou a interferência da internet nas relações entre pessoas, que a partir desta, passamos a socializar mais com pessoas distantes em detrimento às mais próximas.

Por fim, o anteriormente descrito corrobora com as características negativas ou impactos de dependência de internet mencionadas por Young, Yue e Ying (2011), Carbonell et al. (2012), Pontes (2013) e outros autores. Todos esses comportamentos são indícios da dependência, dito por Greenfield (1999), quando a compulsão em realizar certas atividades passa a ter influência sobre uma área importante da vida, confirma-se o diagnóstico dependente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet é considerada hoje uma das, ou a mais importante ferramenta de compartilhamento de informação e de comunicação em massa. Desde seu surgimento, notam-se grandes avanços em diferentes áreas. A possibilidade de informar sobre tudo a todos é o que desperta e atrai cada vez mais novos usuários, que a utilizarão a fim de aprimorar seus conhecimentos ou ainda agilizar as tarefas de trabalho.

O presente estudo abordou a dependência de internet de modo descritivo, com um aprofundamento do tema na verificação dos impactos causados pelo uso abusivo de internet na vida acadêmica e pessoal dos discentes da UNIPAMPA Campus Sant'Ana do Livramento.

Os objetivos do estudo foram atingidos, ao passo que foi possível (a) identificar o perfil dos acadêmicos do Campus quanto ao uso de internet, verificando um perfil jovem, que usa a internet para comunicação e informação através do uso majoritário das redes sociais, e-mail, e jornais e revistas online. A maioria, num total de 44% acessa a internet por combinação de smartphone e computador. O percentual de estudantes que possui smartphone é de 43%, e 75% têm o local casa como principal ponto de acesso a internet.

Também foi possível (b) identificar a existência de acadêmicos dependentes de internet vista a obtenção de 1% com nível grave, 14% moderado e 32% leve. A constatação de tais resultados não pode ser menosprezada, afinal é representativa de uma parcela dos universitários que frequentam o Campus, e que poderão ter seu desempenho acadêmico afetado por tal comportamento, de uso excessivo de internet, o que, por conseguinte, refletirá no aproveitamento dos cursos ofertados pela UNIPAMPA, Campus de Sant'Ana do Livramento.

Quanto ao (c) impacto da internet no comportamento dos usuários, verificou-se que os entrevistados com grau de severidade moderado têm conhecimento dos problemas causados em sua rotina pelo uso excessivo de internet. Foi relatado desgaste em relacionamentos familiares, em função do comportamento abusivo, distúrbios de sono, falta de percepção do tempo quando online, ansiedade e baixo rendimento no trabalho, quando ausente a internet.

Os benefícios percebidos pelos usuários são inúmeros, porém é preciso que se tenha uma atenção especial aos efeitos negativos de seu uso desregrado. A internet pode representar para nossos cérebros o que representa uma intoxicação ao organismo originado pelo uso exagerado de determinados químicos. Sua popularidade e naturalização de uso em nossa

rotina através dos computadores, tablets e smartphones muitas vezes mascaram os comportamentos abusivos, onde o usuário perde o controle sobre a sua rotina, dedicando-se cada vez mais ao mundo virtual.

As limitações estão de modo geral no tempo restrito para a pesquisa, visto tratar-se de um trabalho de conclusão de curso e considerando que, de acordo com Gil (2008) o estudo de caso demanda maior tempo de investigação. Também a restrição do número de estudantes avaliados. O número de acadêmicos participantes não permite expressar uma a realidade da população universitária local em sua totalidade.

Embora permita sinalizar um alerta e apontar um caminho para estudos posteriores a compreensão dos fenômenos relacionados a dependência de internet e suas implicações no contexto da Universidade seria fortalecida pela condução de estudos similares em outras composições como, por exemplo um levantamento quanto a presença dessa patologia ou assemelhadas, como a dependência tecnológica e o tecnoestresse, entre os profissionais de diferentes áreas que atuam na universidade, visto ter sido demonstrado, aqui, através de relatos feitos por estudantes sobre a diminuição da produtividade no local de trabalho em função da ausência de internet, evidenciando, de forma geral uma desorientação e dependência da tecnologia.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. N; KARAM, R. G; GÓES, D. S; SPRITZER, D. T. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, V.30, n.2, p.156-67. 2008

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

AZEVEDO, I. C. M. de. Polêmicas em torno do uso excessivo de internet. **Revista Educação Marista**, Ano XII, nº 25, Jul/Dez 2012, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/verProducao?idProducao=332520&key=46487eac0326055c4c2c088e344ef532>>. Acesso em: 29 de abr. 2015.

BARRETO, R. P. Dispositivos móveis: conectados à internet - usos, aprendizagens e dependências da web. In: **Colabora@ - A Revista Digital CVA - RICESU**. V.8, n.31, Porto Alegre, 2014.

BRANCO, M. Software livre e desenvolvimento social e econômico. In: CASTELLS, M; CARDOSO, G. (org.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**. Belém: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

BROLLO, M. S; **Explorando o comportamento social dos usuários corporativos de dispositivos móveis**. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado profissionalizante) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Faculdades Ibmecc. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=147736 > Acesso em: 12 abr. 2015.

CARLOTTO, M. S; CÂMARA, S. G. O tecnoestresse em trabalhadores que atuam com tecnologia de informação e comunicação. In: **Psicol. cienc. prof.** V.30, n.2, Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200007> Acesso em: 5 jun. 2015.

CARBONELL, X; FÚSTER, H; CHAMARRO, A; OBERST, U. Adicción a internet y móvil: una revisión de estudios empíricos españoles. In: **Papeles de Psicólogo**. V.33, n.2, pp. 82-89. Barcelona, 2012. Disponível em: <<http://www.papelesdel psicologo.es/>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

CARBONELL, X; BERANUY, M; CASTELLANA, M. CHAMARRO, A; OBERST, U. La adicción a internet y al móvil: moda o trastorno? In: **Adicciones**, 2008. V.20, n.2, pp.149-160. Disponível em: <www.adicciones.es/files/Sanchez-Carbonell.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2015.

CARR, N. G. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros**. Trad: Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASTELLS, M. **Comunicación móvil y sociedad: una perspectiva global**. Barcelona: Ariel/Fundación Telefónica, 2007. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros-gratis/2007c/312/indice.htm>> Acesso em: 20 mai. 2015.

CAVALLINI, R; XAVIER, L; SOCHACZEWSKI, A. **A primeira tela**. 2013. Disponível em: <<http://aprimeiratela.com.br/>> Acesso em: 8 jun. 2015.

CLAY, R. A. Linking up online. In: **Monitor on Psychology**. V.31, n.4, pp. 20-23. Washington, 2000. Disponível em: <<http://www.apa.org/monitor/apr00/linking.aspx>> Acesso em: 4 jun. 2015.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COLE, J. Internet e Sociedade numa perspectiva global: lições de cinco anos de análise de campo. In: CASTELLS, M; CARDOSO, G. (org.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**. Belém: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

CONTI, M. A; JARDIM, A. P; HEARST, N; CORDÁS, T. A; TAVARES, H; ABREU, C. N. Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do *Internet Addiction Test* (IAT). In: **Revista de Psiquiatria Clínica**. V.39, n.3, pp. 106-10, 2012.

DAL CIN, I. C; MELO; M. C. Dependência de Internet: Um estudo com profissionais e estudantes da área de TI em Belo Horizonte. In: XXXVII ENCONTRO DA ANPAD, 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2013 Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_ADI2347.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2015.

DA SILVA, L. J. O. L. Globalização das redes de comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais. In: ALVES, J. A; CAMPOS, P; BRITO, P. Q. **O futuro da internet: estado da arte e tendências de evolução**. 1 ed. Lisboa: Centro Atlântico, 1999.

DeANGELIS, T. Is internet addiction real? In: **American Psychological Association**. V.31, n.4, Washington, 2000. Disponível em: <www.apa.org/monitor/apr00/addiction.aspx>. Acesso em: 4 jun. 2015.

FÉLIX, F. C. O. D; **A dependência do facebook dos estudantes do ensino superior**. Lisboa, 2013. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) – Lisboa School of Economics & Management. Disponível em: <<http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/7035>> Acesso em: 12 abr. 2015.

FERREIRA, P. H. O. **Notícias no celular: Uma introdução ao tema**. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.jornalistasdaweab.com.br/docs/dissertacaomestrado_PHFerreira_ECA_USP.pdf> Acesso em: 18 abr. 2015.

FORTIM, I. **Aspectos psicológicos do uso patológico de internet**. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.academia.edu/3718320/ASPECTOS_PSICOL%C3%93GICOS_DO_USO_PATOL%C3%93GICO_DE_INTERNET>. Acesso em: 18 abr. 2015.

GONÇALVES, A. P. B. **Executivos, gênero e smartphones: uma exploração quanto aos paradoxos tecnológicos e às copying strategies**. Rio de Janeiro, 2012. Tese (Doutorado) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/10172>> Acesso em: 12 abr. 2015.

GOOGLE. **O consumidor brasileiro agora é hiper**. 2014. Disponível em: <<http://www.google.com.br/think/articles/consumidor-brasileiro-hiper.html>> Acesso em: 10 abr. 2015.

GREENFIELD, D. As propriedades de dependência do uso de internet. 2011. In: YOUNG, K. S; ABREU, C.N. (Org.); **Dependência de Internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**. São Paulo: Ed. Artmed, 2011.

GREENFIELD, D. N. Virtual addiction: sometimes new technology can create new problems. In: **Running Head: Virtual Addiction**, 1999. Disponível em: <http://virtual-addiction.com/wp-content/pdf/nature_internet_addiction.pdf> Acesso em: 10 mai. 2015.

GRIFFITHS, M. Technological addictions. In: *Clinical Psychology Forum*, 1995, London. **Anais...** London, 1995. P. 14-19. Disponível em: <http://www.academia.edu/751805/Griffiths_M.D._1995_. _Technological_addictions._Clinical_Psychology_Forum_76_14-19> Acesso em: 10 mai.2015.

HAMPTON, K.N; WELLMAN, B. **The social affordances of the internet for networked individualism**. Toronto, 2002. Disponível em: <<http://groups.chass.utoronto.ca/netlab/wp-content/uploads/2012/05/The-Social-Affordances-of-the-Internet-for-Networked-Individualism.pdf>> Acesso em: 13 mai. 2015.

HAN, D. H; KIM, Y. S; LEE, Y. S; MIN, K. J; RENSHAW, P. F. Changes in cue induced prefrontal cortex activity with video game play. **Cyberpsychology Behavior, and Social Networking**. Salt Lake City, V.13, n.6, p.655-61, 2010. Disponível em: <<http://online.liebertpub.com/doi/pdf/10.1089/cyber.2009.0327>> Acesso em: 2 abr. 2015.

IBGE. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. 2015. In: **Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2013**. Brasil, 2015. Disponível em:<ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2013/pnad2013_tic.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2015.

IBOPE Media. **Consumo da internet pelos jovens brasileiros cresce 50% em dez anos, aponta IBOPE Media**. 2014a. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Consumo-da-internet-pelos-jovens-brasileiros-cresce-50-em-dez-anos-aponta-IBOPE-Media.aspx>> Acesso em: 4 jun. 2015.

IBOPE Media. **Internet é a primeira fonte de informações para 47% dos brasileiros, aponta estudo.** 2014b. Disponível em:

<<http://www.ibope.com.br/ptbr/noticias/Paginas/Internet-e-a-primeira-fonte-de-informacoes-para-47-dos-brasileiros-aponta-estudo.aspx>> Acesso em: 1 jun. 2015.

IBOPE Media. **Internet móvel avança no Brasil.** 2013. Disponível em:

<<http://www.ibope.com.br/pt-br/conhecimento/artigospapers/Paginas/Internet-movel-avan%C3%A7a-no-Brasil.aspx>> Acesso em: 1 jun. 2015.

LEMOS, I. L.; ABREU, C. N.; SOUGEY, E. B. Internet and vídeo game addictions: a cognitive behavioral approach. In: **Revista de Psiquiatria Clínica.** V.41, n.3. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832014000300082&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 mai. 2015.

LEMOS, I. L.; SANTANA, S. M. Dependência de jogos eletrônicos: a possibilidade de um novo diagnóstico psiquiátrico. In: **Revista de Psiquiatria Clínica.** V.39, n.1, p.28-33, 2012. Disponível em: <<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol39/n1/28.htm>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

LIRA, W. S.; CÂNDIDO, G. A.; ARAÚJO, G. M. de; BARROS, M. A. A busca e o uso da informação nas organizações. In: **Perspectiva em Ciência da Informação.** V.13 n.1, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362008000100011&script=sci_arttext> Acesso em: 05 jun. 2015

LUNARDI, G. L.; DOLCI, D. B.; WENGLAND, J. Internet Móvel nas Organizações: Fatores de adoção e impactos sobre o desempenho. **Revista Contemporânea de Administração.** Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v17n6/a04v17n6.pdf>> Acesso em: 24 abr. 2015.

MALAFAIA, G. S. de. Gestão estratégica de pessoas em ambientes multigeracionais. Rio de Janeiro, In: VII Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 2011. **Anais...** Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/cneg7/anais/T11_0452_2151.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2015.

MARCOS, V. P. **Saúde mental de internautas universitários.** São Benardo do Campo, 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em psicologia da saúde, Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2679>. Acesso em: 30 mai. 2015.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding media). 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1974

KAKU, Michio. **Visões do Futuro. Como a Ciência Revolucionará o Século XXI.** Trad. Borges, M. L. X. de A.. Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

MITCHELL, W. **E-topia: Tecnologias de informação e comunicação e a transformação da vida urbana.** In: CASTELLS, M; CARDOSO, G. (org.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política.** Belém: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

MORAHAN-MARTINS, J.; SCHUMACHER, P. Loneliness and social uses of the internet. In: **Computers in Human Behaviour.** V.19, pp.659–671, 2003. Disponível em: <<http://www.elsevier.com/locate/comphumbeh>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

MOURA, D; Cibercultura: Notas sobre smartphone, adolescência e memória. Novo Hamburgo, 2012. In: VI SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM CIBERCULTURA (ABCiber). **Anais...** Novo Hamburgo, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/viewFile/21776/11999>> Acesso em: 6 abr. 2015.

NEJM, R; ROBEIRO, J. C. Desafios geracionais na promoção do uso ético da internet. In: ABREU, C. N; EISENSTEIN, E; ESTEFENON, S. G. (org.). **Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais.** Porto Alegre: Artmed, 2013.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; Ciberespaço: Nova realidade, novos perigos, novas formas de defesa. **Psicologia: Ciência e Profissão.** V.23, n.2, p. 66-75. Brasília, 2003.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? In: **Estudos de Psicologia.** V.1, n.1, Natal, 2002b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100004>. Acesso em: 7 jun. 2015.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; Quem disse que é proibido ter prazer online. Identificando o positivo no quadro de mudanças atual. In: **Psicologia: Ciência e Profissão.** V.22, n.2, pp. 12-21. Brasília, 2002a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200003>. Acesso em: 07 jun. 2015.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Vol. 18 nº2. 193-202. Brasília, 2002c. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n2/a09v18n2.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

NIELSEN IBOPE. **Número de pessoas com acesso à internet no Brasil supera 120 milhões.** 2014. Disponível em: <<http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2014/Numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-no-Brasil-supera-120-milhoes.html>>. Acesso em: 31 mai. 2015.

PÁDUA JÚNIOR, F. P; PRADO, P. H. M. **A adoção de inovações em produtos de alta tecnologia por jovens: O caso do telefone celular.** Curitiba, 2005. Projeto de Dissertação (Mestrado) - Setor de ciências sociais aplicadas, Pesquisa e pós-graduação em Administração, Universidade Federal do Paraná. Disponível em:

<<http://revista.unibrasil.com.br/index.php/retdu/article/viewFile/32/55>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

PALFREY, J; GASSER, U. Identidades. 2011. In: PALFREY, J; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PERCURSO n.43, dezembro de 2009. Disponível em:

<<http://www.polbr.med.br/ano10/psi0510.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

PEREIRA, R. A.; PICCOLOTO, L. B. **A relação entre Dependência de Internet e Habilidades Sociais em universitários**. Artigo apresentado da Faculdades Integradas de Taquara. Disponível em:

<<https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/99/rossana.pdf>>

Acesso em: 5 jun. 2015

PIROCCA, C. **Dependência de internet, definição e tratamentos**: revisão sistemática da literatura. Porto Alegre, 2012. Monografia (Especialização Terapia Cognitiva e Comportamental) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40120/000826609.pdf?sequence=1>>. .

Acesso em: 18 abr. 2015.

PONTES, H. O. M. **A dependência à internet**: Fundamentação empírica, teórica e clínica – da psicologia e psicometria à cyber-psicologia. Lisboa, 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto Universitário de Ciências psicológicas, sociais e da vida – ISPA. Disponível em:

<<http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2548>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo> Feevale, 2013.

PUJOL, C. C; SCHMIDT, A; SOKOLOVSKY, A; KARAM, R.G; SPRITZER, D. T. Dependência de internet: perspectivas em terapia cognitivo-comportamental. In: **Revista Brasileira de Psiquiatria**. V.31, n.2, São Paulo, 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462009000200019>.

Acesso em: 29 abr. 2015.

RAZZOUK, D. Dependência de internet: uma nova categoria diagnóstica? **Psychiatry on line Brasil**. V.3, n.3, 1998. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano98/dpnet.php>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

ROSSINI, D. Neuropsicologia dos transtornos do controle dos impulsos. In: ABREU, C. N.; TAVARES, H.; CORDÁS, T.A (Org.). **Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos**. Porto Alegre: Artmed: 2008.

SACCOL, A. Z; REINHARD, N. Tecnologias de informação móveis, sem fio e ubíquas: Definições, estado-da-arte e oportunidades de pesquisa. In: **RAC – Revista de Administração Contemporânea**. V.1, n. 4, Out/Dez. 2007: 179-198. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rac/v11n4/a09v11n4.pdf>>. Acesso em: 1 mai. 2015.

SANTAELLA, L. Pós humano – por quê? **Revista USP**, São Paulo, n.74, p. 126-137, jun/ago 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/74/09-luciasantaella.pdf>>. Acesso em: 2 mai. 2015.

SANTOS, A. P. **Impactos da tecnologia móvel e sem fio nos sistemas de informação empresariais sob a perspectiva dos atores sociais - estudo de caso**. Belo Horizonte, 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais.

SEBASTIÃO, G. C. O; LAMPKOWSKI, M. Internet: um estudo sobre comportamento de dependência psicológica em estudantes universitários. Presidente Prudente, 2009. In: ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. **Anais...**Presidente Prudente, 2009.

SILVEIRA, A. B. **Atitudes e adoção de internet móvel**: Uma análise do comportamento do consumidor jovem adulto. Porto Alegre, 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Administração, Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/1247>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

SUZUKI, F. T. I; MATIAS, M. V. M; SILVA, M. T. A; OLIVEIRA, M. P. M. T. O uso de videogames, jogos de computador e internet por uma amostra de universitários da Universidade de São Paulo. In: **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. V.58, n.3, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852009000300004> Acesso em: 24 mai 2015

TAURION, C. **Internet Móvel**: Tecnologias, aplicações e modelos. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2002.

TAVARES, H; ALARCÃO, G. Psicopatologia da impulsividade. In: ABREU, C. N.; TAVARES, H.; CORDÁS, T. A. (Org.). **Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos**. Porto Alegre: Artmed; 2008.

TELECO. **Internet Móvel: os objetivos da internet móvel. 2015**. Disponível em: <http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialcmovel/pagina_2.asp> Acesso em: 12 de jun. 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNGERER, R. Sociedade globalizada e mídia digital. In: ABREU, C.N; EISENSTEIN, E; ESTEFENON, S. G.. (org.) **Vivendo esse mundo digital**: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2013.

VIDAL, P. V. C. **Dependência Mobile**: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais. Brasília, 2014. Monografia (Bacharel) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YOUNG, K. S. Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder. *Cyberpsychol Behav.* V.1, n.3, p.237-44. FALL, 1996. Disponível em: <<http://netaddiction.com/articles/newdisorder.pdf>> Acesso em: 18 mai. 2015.

YOUNG, K. S; ABREU, C.N. (Org.); **Dependência de Internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**. São Paulo: Ed. Artmed, 2011.

YOUNG, K. S. Avaliação Clínica de dependentes de internet. 2011. In: YOUNG, K. S; ABREU, C.N. (Org.); **Dependência de Internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**. São Paulo: Ed. Artmed, 2011.

YOUNG, K. S; YUE, X.D; YING, L. Estimativas de prevalência e modelos etiológicos. 2011. In: YOUNG, K. S; ABREU, C.N. (Org.); **Dependência de Internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**. São Paulo: Ed. Artmed, 2011.

ANEXO A – Tradução e adaptação do *internet addiction test* (IAT) (Conti et. al., 2012 e Young, 2011).

Intervalo de pontuação	
Normal	0 a 30 pontos
Leve	31 a 49 pontos
Moderada	50 a 79 pontos
Grave	80 a 100 pontos

Legenda	
0	Não se aplica
1	Raramente
2	Ocasionalmente
3	Frequentemente
4	Geralmente
5	Sempre

Teste de Dependência de Internet						
1. Com que frequência você acha que passa mais tempo na internet do que pretendia?	0	1	2	3	4	5
2. Com que frequência você abandona as tarefas domésticas para passar mais tempo na internet?	0	1	2	3	4	5
3. Com que frequência você prefere a emoção da internet à intimidade com seu/sua parceiro(a)?	0	1	2	3	4	5
4. Com que frequência você cria relacionamentos com novo(a)s amigo(a)s da internet?	0	1	2	3	4	5
5. Com que frequência outras pessoas em sua vida se queixam sobre a quantidade de tempo que você passa na internet?	0	1	2	3	4	5
6. Com que frequência suas notas ou tarefas da escola pioram por causa da quantidade de tempo que você fica na internet?	0	1	2	3	4	5
7. Com que frequência você acessa seu e-mail antes de qualquer outra coisa que precise fazer?	0	1	2	3	4	5
8. Com que frequência piora o seu desempenho ou produtividade no trabalho por causa da internet?	0	1	2	3	4	5
9. Com que frequência você fica na defensiva ou guarda segredo quando alguém lhe pergunta o que você faz na internet?	0	1	2	3	4	5
10. Com que frequência você bloqueia pensamentos perturbadores sobre a sua vida pensando em se conectar para acalmar-se?	0	1	2	3	4	5
11. Com que frequência você se pega pensando em quando vai entrar na internet novamente?	0	1	2	3	4	5
12. Com que frequência você teme que a vida sem internet seria chata, vazia e sem graça?	0	1	2	3	4	5
13. Com que frequência você explode, grita ou se irrita se alguém o(a) incomoda enquanto está na internet?	0	1	2	3	4	5
14. Com que frequência você dorme pouco por ficar conectado(a) até tarde da noite?	0	1	2	3	4	5

15. Com que frequência você se sente preocupado(a) com a internet quando está desconectado(a) imaginando que poderia estar	0	1	2	3	4	5
16. Com que frequência você se pega dizendo “só mais alguns segundos” quando está conectado(a)?	0	1	2	3	4	5
17. Com que frequência você tenta diminuir o tempo que fica na internet e não consegue?	0	1	2	3	4	5
18. Com que frequência você tenta esconder a quantidade de tempo em que está na internet?	0	1	2	3	4	5
19. Com que frequência você opta por passar mais tempo na internet em vez de sair com outras pessoas?	0	1	2	3	4	5
20. Com que frequência você se sente deprimido(a), mal-humorado(a) ou nervoso(a) quando desconectado(a) e esse sentimento vai embora assim que volta a se conectar à internet?	0	1	2	3	4	5

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Estudo sobre o comportamento de universitários na internet

O presente questionário é parte do trabalho de conclusão de curso de graduação em Administração, cujo tema é: "*Internet presente, dependência eminente?*".

As respostas obtidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, estando assegurado o anonimato dos respondentes.

Por favor, responda a todas as perguntas com sinceridade.
Sua participação é imprescindível. Obrigada por colaborar!

LIANE FERREIRA MORA

Graduanda do 7º Semestre de Administração

1	Qual o curso que você frequenta? <input type="checkbox"/> Administração <input type="checkbox"/> Gestão Pública <input type="checkbox"/> Relações Internacionais <input type="checkbox"/> Economia <input type="checkbox"/> Direito Internacional <input type="checkbox"/> Outro: _____
2	Está cursando qual semestre? _____
3	Qual sua naturalidade (cidade/estado)? _____
4	Estado Civil: <input type="checkbox"/> Solteiro(a) <input type="checkbox"/> Casado(a) <input type="checkbox"/> Divorciado(a) <input type="checkbox"/> Viúvo(a)
5	Quantas pessoas moram com você? <input type="checkbox"/> Moro sozinho <input type="checkbox"/> 1 pessoa <input type="checkbox"/> 2 pessoas <input type="checkbox"/> 3 pessoas <input type="checkbox"/> 4 pessoas ou mais
6	Em que situação profissional você se enquadra? <input type="checkbox"/> Estudante <input type="checkbox"/> Estagiário <input type="checkbox"/> Servidor público <input type="checkbox"/> Profissional autônomo <input type="checkbox"/> Empresário/comerciante <input type="checkbox"/> Comerciário
7	Trabalha diretamente com o computador? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
8	Quantas horas por dia você <u>trabalha</u> diretamente com o computador <u>utilizando a internet</u>? <input type="checkbox"/> Não utilizo <input type="checkbox"/> De 2 a 3 horas <input type="checkbox"/> Mais de 6 horas <input type="checkbox"/> Até 1 hora <input type="checkbox"/> De 4 a 6 horas
9	Quantas horas por dia você utiliza a internet para uso pessoal (lazer, entretenimento, outros)? <input type="checkbox"/> Não utilizo <input type="checkbox"/> Entre 3 e 4 horas <input type="checkbox"/> Mais de 8 horas por dia <input type="checkbox"/> Até 1 hora <input type="checkbox"/> Entre 5 e 6 horas <input type="checkbox"/> Entre 1 e 2 horas <input type="checkbox"/> Entre 7 e 8 horas

10	<p>Qual o local onde você <u>mais acessa</u> a internet? <input type="checkbox"/> Em Casa <input type="checkbox"/> Na Universidade <input type="checkbox"/> No Trabalho <input type="checkbox"/> Na Lan house <input type="checkbox"/> Em Restaurantes <input type="checkbox"/> Praças/Parque <input type="checkbox"/> Filas em Geral <input type="checkbox"/> Meio de transporte <input type="checkbox"/> Outro: _____</p>
11	<p>Quais <u>as</u> ferramentas que utiliza para acessar a internet? <input type="checkbox"/> Computador <input type="checkbox"/> Smartphone <input type="checkbox"/> Tablet <input type="checkbox"/> Smart TV <input type="checkbox"/> Outro: _____</p>
12	<p>Marque suas prioridades de uso na internet: <input type="checkbox"/> Redes Sociais <input type="checkbox"/> Bate-papo <input type="checkbox"/> E-mail <input type="checkbox"/> Jogos online <input type="checkbox"/> Música <input type="checkbox"/> Jornais/Revistas <input type="checkbox"/> Vídeos <input type="checkbox"/> Conteúdo erótico <input type="checkbox"/> Outro: _____</p>
13	<p>Com relação a sua atividade remunerada mensal: (Considerando mínimo de R\$ 788,00) <input type="checkbox"/> Não possuo atividade remunerada <input type="checkbox"/> Recebo de 3 a 5 salários mínimos <input type="checkbox"/> Recebo até 1 salário mínimo <input type="checkbox"/> Recebo de 5 a 7 salários mínimos <input type="checkbox"/> Recebo de 1 a 2 salários mínimos <input type="checkbox"/> Recebo mais de 7 salário mínimos <input type="checkbox"/> Recebo de 2 a 3 salários mínimos</p>
14	<p>Sexo: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino</p> <p>Qual a sua idade? _____</p>

Teste de Dependência de Internet - Internet Addiction Test (IAT) (YOUNG, 2011)

(Tradução e adaptação CONTI et al., 2012).

Para cada pergunta marque apenas uma resposta de acordo com a legenda ao lado.

Legenda					
Sempre	Geralmente	Frequentemente	Ocasionalmente	Raramente	Não se aplica
5	4	3	2	1	0

21. Com que frequência você acha que passa mais tempo na internet do que pretendia?					
22. Com que frequência você abandona as tarefas domésticas para passar mais tempo na internet?					
23. Com que frequência você prefere a emoção da internet à intimidade com seu/sua parceiro(a)?					
24. Com que frequência você cria relacionamentos com novo(a)s amigo(a)s da internet?					
25. Com que frequência outras pessoas em sua vida se queixam sobre a quantidade de tempo que você passa na internet?					
26. Com que frequência suas notas ou tarefas da escola pioram por causa da quantidade de tempo que você fica na internet?					
27. Com que frequência você acessa seu e-mail antes de qualquer outra coisa que precise fazer?					

28. Com que frequência piora o seu desempenho ou produtividade no trabalho por causa da internet?						
29. Com que frequência você fica na defensiva ou guarda segredo quando alguém lhe pergunta o que você faz na internet?						
30. Com que frequência você bloqueia pensamentos perturbadores sobre a sua vida pensando em se conectar para acalmar-se?						
31. Com que frequência você se pega pensando em quando vai entrar na internet novamente?						
32. Com que frequência você teme que a vida sem internet seria chata, vazia e sem graça?						
33. Com que frequência você explode, grita ou se irrita se alguém o(a) incomoda enquanto está na internet?						
34. Com que frequência você dorme pouco por ficar conectado(a) até tarde da noite?						
35. Com que frequência você se sente preocupado(a) com a internet quando está desconectado(a) imaginado que poderia estar conectado(a)?						
36. Com que frequência você se pega dizendo "só mais alguns segundos" quando está conectado(a)?						
37. Com que frequência você tenta diminuir o tempo que fica na internet e não consegue?						
38. Com que frequência você tenta esconder a quantidade de tempo em que está na internet?						
39. Com que frequência você opta por passar mais tempo na internet em vez de sair com outras pessoas?						
40. Com que frequência você se sente deprimido(a), mal-humorado(a) ou nervoso(a) quando desconectado(a) e esse sentimento vai embora assim que volta a se conectar à internet?						
Soma Total:						

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de entrevistas baseado nos modelos utilizados em Nicolaci-da-Costa (2002b) e Dal Cin (2013).

As questões estão divididas em quatro blocos: Hábitos dos usuários; Sentimentos, emoções e opiniões; Problemas, vida virtual e vício; e Mudanças e transformações.

BLOCO 1: Hábitos dos usuários:

1. Você se lembra como ou porque iniciou sua interação com a internet?
2. Qual sua rotina de uso diário de internet?
3. O que você mais faz na internet? (Redes sociais, jogos, textos digitais, outros). É em função do trabalho ou lazer?
4. O que você faz quando está de folga, com tempo livre?
5. Qual aparelho tecnológico você mais utiliza para se conectar a internet? Por quê?
6. Diariamente, em média quanto tempo fica conectado a internet?
7. Conseguiria quantificar em porcentagem como está dividido seu tempo e as atividades na internet diariamente? (pessoais, lazer, trabalho, relacionamentos)
8. Você já passou horas seguidas na internet sem fazer outra coisa? Já virou a noite usando a internet?
9. Qual foi o maior tempo que você já ficou conectado? Lembra qual o motivo?
10. E sem utilizar a internet, lembramos qual o período mais longo que ficou sem utilizar a internet?
11. Como é a sua rede de contatos virtual e a sua rede de contatos presencial? Qual é a maior?

BLOCO 2: Sentimentos, emoções e opiniões:

12. O que mais te agrada e te mantém na internet? Por quê?
13. Quando você acessa a internet, você perde a noção do tempo? Por quê?
14. Como você acha que seria sua vida sem internet? Por quê?
15. Quando a internet fica lenta ou “sai fora do ar”, como você se sente? Por quê?
16. Você sente falta da internet? Em que momento? Com que frequência isso ocorre?
17. As pessoas ao seu redor se queixam do seu comportamento por estar conectado? Por quê?
18. Alguém controla seu tempo na internet e implica quando fica muito tempo? Por quê?

19. Quando você viaja ou vai para algum lugar sem conexão, como você se sente? Por quê?
20. Qual o seu sentimento ao compartilhar algo na internet? Por quê?

BLOCO 3: Problemas, vida virtual e vício:

21. Conseguiria contar algum acontecimento em que passar muito tempo na internet trouxe para você algum aborrecimento ou prejuízo?
22. Você percebe quando abusa do tempo na internet? De que maneira?
23. Quando está em uma festa, comemoração ou evento, você consegue se desconectar da internet e interagir com as pessoas ao redor?
24. Você faz alguma pausa quando está conectado?
25. Acha que sua dedicação à internet prejudica um pouco sua alimentação, saúde ou sono? Por quê?
26. Você se preocupa com o que está perdendo na internet quando está desconectado? Por quê?
27. A(s) pessoa(s) com as quais você mantém relação no meio virtual, também tem contato e amizade com você no mundo real?
28. Você acha que na internet é mais fácil fugir de aborrecimentos, chateações porque que ninguém o vê?
29. Você já utilizou a internet para aliviar algum sentimento ou algum tipo de aborrecimento? De que forma? (como?)
30. Na sua opinião o que é dependência de internet?
31. Como você pensa que é o comportamento de uma pessoa dependente?
32. Você se considera dependente de internet? Por quê?

BLOCO 4: Mudanças e transformações na vida do usuário:

33. O que te agrada na internet que você não tem na sua realidade? Por quê?
34. Existem coisas que você faz apenas na internet, ou apenas no meio virtual? Pode citar?
35. Você considera mais fácil se relacionar com pessoas quando conectado ou desconectado? Por quê?